

A VOZ DE

MELGAÇO



TAXA PAGA
MAXIMINOS - BRAGA
PORTUGAL

DIRECTOR: JÚLIO HILARIÃO VAZ
ANO XLIX — Nº 1020
15 de Dezembro de 1994

QUINZENÁRIO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15

Preço Avulso — 80\$00
Tiragem da última edição
1.800 exemplares



PORTE PAGO

O cónego António Luis Vaz, Académico de Mérito, da Academia Portuguesa da História



O Secretário da Academia entrega o diploma ao cónego Vaz

Por unanimidade, a Academia Portuguesa da História nomeou o cónego António Luis Vaz, Académico de Mérito» daquela notável corporação cultural portuguesa, presidida, actualmente, pelo ilustre professor catedrático e distinto historiador, Joaquim Veríssimo Serrão.

O cónego António Luis Vaz nasceu no lugar da Adedela, da freguesia de Fiães, em 30 de Abril de 1911. Frequentou a escola do padre João Vaz, seu tio, e seguiu para a cidade de Braga, onde fez o Curso do Seminário Diocesano. Ordenado sacerdote, foi nomeado pelo Arcebispo D. António Bento Martins Júnior, professor do Seminário.

Aos 26 anos, o mesmo Arcebispo nomeou-o chefe de Redacção do Jornal «Diário do Minho», e Administrador, onde se manteve até 1971, então como

trabalhos que A. Luis Vaz publicou, destacando os referentes à Liturgia Bracarense.

Foram, precisamente, estes trabalhos que levaram a Academia Portuguesa da História a nomear, por unanimidade, o cónego António Luis Vaz «Académico de Mérito» daquela instituição cultural.

Para a entrega do diploma e imposição do colar académico, a Direcção da Academia deslocou-se à cidade de Braga, onde se

Director daquele diário.

Amadeu Torres, padre e professor da Universidade do Minho e da Universidade Católica, no artigo de fundo de «A Voz de Melgaço» regista os

efectuou uma sessão de homenagem ao nobel académico.

A sessão realizou-se no dia 12, dia em que na mesma cidade e a mesma Academia desejava celebrar os 500 anos da impressão de o «Breviarium Bracarense» de 1494, solenidade que se realizou às 17 horas, no Salão Nobre da Universidade do Minho.

A homenagem ao cónego António Luis Vaz efectuou-se, às 11 horas, na «Aula Capitularis da Catedral».

À sessão presidiu o Presidente da Academia Portuguesa da História, ladeado, à direita, pelo Arcebispo Primaz, e, à esquerda, pelo Vice-Reitor da Universidade do Minho, o Dr. Aguiar e Silva.

Esta homenagem era promovida pela Universidade do Minho, pela Biblioteca Pública de

Cont. na pág. 10



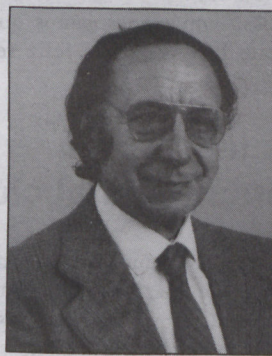
O Presidente da Academia impõe o colar ao cónego Vaz

“A Voz de Melgaço”
deseja aos
seus assinantes, aos
colaboradores,
anunciantes e a todos
os Melgacenses,

Feliz Natal e
Bom Ano Novo



A. Luís Vaz na Academia Portuguesa da História



Doutor Amadeu Torres,
professor catedrático da
Universidade do Minho e
professor da Universidade
Católica

Ao deslocar-se a Braga, em 12 do corrente mês, para a comemoração dos 500 anos do *Breviarium Bracarense*, saído dos prelos, na cidade dos arcebispos, por ordem de D. Jorge da Costa, em 12 de Dezembro de 1494, a Academia Portuguesa da História não podia ter escolhido ocasião mais apropriada para consagrar como Académico de Mérito de tão prestigiada instituição de alta cultura, o Cónego António Luís Vaz, incansável investigador das peculiaridades do nosso Rito milenar e das glórias da nossa liturgia.

Deste modo, à evocação festiva da publicação em Portugal, do primeiro incunábulo escrito na língua latina, que

afinal é um livro litúrgico, e para a qual concorreram o Cabido e a Mitra primaciais, a dita Academia e a Biblioteca Pública e Arquivo Distrital, ficará ligada, com toda a justiça, a acção porfiada e benemérita de quem desde há décadas se devota, com sacrifício e entusiasmo, à restauração da liturgia de Braga, cuja defesa e preservação a Santa Sé claramente aconselha, apoia e preconiza.

Com efeito, foi em 1970 que A. Luis Vaz publicou *O Rito Bracarense* (1º vol.), brindando-nos logo em 1976 com outro volume do mesmo título; e nunca mais descansou desde então, porque até 1993 já saíram sete novas obras acerca desta temática e três outras estão prestes a vir a lume. Insere-se assim A. Luís Vaz na série ilustre de grandes estudiosos do género, como A. Pereira de Figueiredo, Inácio José Peixoto, Pereira dos Reis, José Augusto Ferreira, Pierre David, Avelino de Jesus da Costa, A. G. Ribeiro de Vasconcelos, J. Oliveira Bragança, Pedro Romano Rocha.

Isto, porém, foca apenas um aspecto de A. Luís Vaz, personalidade culta como os que o são e ricamente multifacetada. Jornalista de garra, colaborador de diversos jornais e revistas, e director do *Diário do Minho* em período bem difícil e durante largos anos, é ainda, no presente, o director do semanário “O Cávado”. Professor dos Seminários Arquidiocesanos, repetidas gerações lhe devem orientação competente e estímulo vário. Seu discípulo indirecto, foi A. Luís Vaz, e sem esquecer os incentivos de Júlio Vaz e Joaquim António Alves, quem me franqueou a entrada nas lides da imprensa e do livro, condescendente para com um candidato bisonho e imberbe.

Escritor e literato, celebrou em 1986 as Bodas de Ouro de homem de Letras; ensaísta de recursos deu-nos *Juventude de 1940* a propósito de Júlio Dinis, *Civilização em perigo* (1951), Vasco Domingues (1973), *O culto da mulher em Portugal* (1980); cronista experto nos relatos de viagem que em *Espanha* (1946) nos oferece, afirmou-se também como romancista, na linha de Francisco Costa, Manuel Ribeiro, Nuno de Montemor, Antero de Figueiredo, em *Chama que renasce* (1943) e *Castelo Imperfeito* (1949). Biógrafo de estilo vivo e terso, em *Mestre e Precursor* (1942), acerca do sábio arqueólogo de Fama Internacional, P.º Martins Capela; em *D. António Bento Martins* (2 vols., 1961-1962), *No centenário de D. António Bento Martins Júnior* (1982), e *D. António Barroso - Figuras e feitos de Além-mar* (1971), adestrou igualmente a sua pluma de investigador

Cont. na pág. 3

Da Vila e Concelho

Aniversário

Festejou o seu 24º aniversário natalício o nosso conterrâneo Sr. Dr. Rui Carlos Esteves Rodrigues, advogado, filho do Sr. Dr. Artur José Rodrigues e da Sra. Professora D. Olinda Esteves Rodrigues.

Em casa dos pais do aniversariante, foi oferecido um lauto almoço, que reuniu inúmeros convidados e familiares.

Ao Dr. Rui Carlos, apresentamos os nossos parabéns, com desejos de longa vida no convívio de seus familiares e amigos.

Regresso ao Brasil

Após ter passado cerca de um mês entre nós em visita a seus familiares, regressou ao Estado de São Paulo, onde está radicado há muitos anos o nosso conterrâneo estimado assinante e colaborador Sr. António Evangelista Pires.

Ao nosso amigo, desejamos que tivesse feito boa viagem.

Luciano Barros de Almeida

Acompanhado de sua esposa, esteve entre nós numa curta visita de poucos dias, o nosso amigo conterrâneo e estimado assinante Sr. Luciano Barros de Almeida, residente em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

Aos nossos leitores

Devido às festas natalícias e de fim de Ano, não se publica «A Voz de Melgaço» em 1 de Janeiro, mas sairá, em conjunto, com o número do dia 15 do mesmo mês.

Dr. Paulo Malheiro

ADVOGADO

Parque Delfim Guimarães, nº 7 - 1º Dto
Telefone 4940478 • 2700 AMADORA

Baptizado

No Convento de Nossa Senhora da Conceição desta vila, foi baptizada uma menina a quem foi posto o nome de Cláudia Sofia, filha do Sr. Octávio António Fernandes Antunes e da Sra. D. Maria Helena Rodrigues da Silva Antunes.

Foram padrinhos o Sr. Carlos Alberto Rodrigues e sua esposa Sra. D. Ilda Domingues.

O santo sacramento do baptismo, foi administrado pelo Sr. Rev. P.º Dr. Manuel Augusto Alves, Dgmo. pároco da vila.

Em casa dos avós maternos, foi oferecido um lauto almoço, que reuniu inúmeros convidados e familiares.

Os nossos parabéns.

Júlio Cândido Azevedo

A fim de passar uma temporada, partiu para Póvoa Pouca, de goiar, em visita a seus familiares, o nosso conterrâneo Sr. Júlio Cândido de Araújo Azevedo (JUCA).

Ao nosso amigo, desejamos que tivesse feito boa viagem e feliz regresso.

Irmãs festejaram aniversário natalício

Festejaram os seus aniversários natalícios, as meninas Susana de Sousa Malheiro e sua irmã Sílvia de Sousa Malheiro, estudantes, filhas do nosso amigo conterrâneo estimado assinante e anunciante, Sr. Dr. Paulo Malheiro, Dgmo. Presidente do Cofre de Previdência do Ministério das Finanças e advogado em Lisboa, e da Sra. Dra. D. Helena de Sousa Malheiro, advogada,

residentes na Amadora.

Felicitemos as aniversariantes, com os nossos parabéns e desejos de longa vida.

Germano Gregório

Numa curta visita à sua terra e aos seus amigos, esteve entre nós, o nosso amigo conterrâneo e estimado assinante Sr. Germano Gregório, Cabo Adjunto do Exército na reserva, residente em Braga.

Os nossos cumprimentos.

Manuel Silvestre Fernandes

A fim de tratar de diversos assuntos, esteve entre nós, o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Manuel Silvestre Fernandes, residente em Paris - França.

Os nossos cumprimentos.

De Chaviães

NECROLOGIA

D. Rosa Fernandes

Com a provecta idade de 88 anos, faleceu na sua residência do lugar do Val, desta freguesia, a Sra. D. Rosa Fernandes, natural da freguesia de Penso e aqui radicada há muitos anos, viúva do saudoso Sr. Aarão Esteves (Cabo da Guarda Fiscal).

A extinta, pessoa muito estimada no nosso meio, era mãe do nosso estimado assinante Sr. Fernando José Esteves, comerciante em Lisboa, casado com a Sra. D. Arlete Esteves, da Sra. D. Maria da Luz Esteves, avó do nosso assinante Sr. Henrique Augusto

Esteves Gomes, comerciante na vila de Melgaço, e da Sra. Professora D. Maria de Fátima Esteves Gomes.

O seu funeral realizou-se com grande acompanhamento para o cemitério desta localidade, seguido de missa de corpo presente a que presidiu o Sr. Rev. P.º Manuel Batista Pombal.

A toda a família em luto, apresentamos sentidas condolências.

Alfredo do Paço

De Alvaredo

Festa de S. Martinho

Embora o dia de S. Martinho, Padroeiro da Freguesia, fosse o dia 11 do mês findo, o que é certo é que a Festa se realizou no Domingo, dia 13.

No sábado bem cedo a Cabine Sonora da Casa Amadeu da Silva executava o seu reportório. À noite grande verbena por um Grupo Musical Universo, de Gondarém, Vila Nova de Cerveira, que se prolongou até tarde.

No Domingo, de manhã, Missa, Pregação e Procissão, de tarde grande arraial, abrilhantado por um agrupamento Musical da Escola de Música DÓ-RÉ-MI de Riba de Mouro, do Concelho de Monção.

Por volta das 16 horas, entra no recinto da Festa uma Senhora conduzindo um tractor carregado de caruma e um saco cheio de castanhas e, pouco depois, se procedeu ao tradicional magusto acompanhado de bom vinho tinto da localidade para todos os presentes sem distinção.

Esta tradição é muito antiga e Alvaredo não a deixa esquecer.

Diz o ditado! Por S. Martinho prova e barra o teu vinho.

A referida festa esteve muito animada, motivo por que os festeiros estão de parabéns.

D.S.

Da Gave

Postal da Serra

Estiveste cá, de férias no Verão, e disseste que eu era um preguiçoso..

Depois, entra e mais tarde escreve-me uma carta, que não vou transcrever, onde me pedias um pequeno sacrifício.

Tu, caro amigo X, tens carradas de razão; mas preguiçoso, não.

Talvez não saibas que desde os primeiros números, ora periodicamente ora assiduamente, tenho estado com «A Voz de Melgaço». Certos «affaires» pessoais, porém, me obrigam, por vezes, a fazer «pausas».

Além disto, meu caro, fizeste certas observações sobre o estado da estrada que nos liga ao resto do país — acesso à Gave —.

Todos esses problemas a que fizeste alusão serão solucionados pouco a pouco, entre outros, o alargamento da Ponte da Cela.

Finalmente pedias-me que fosse mais assíduo; vou tentar, mas vai ser muito difícil.

No entanto, conta comigo.

E os por outros emigrantes para ti e todos os outros emigrantes garantes e para todos as suas famílias, Boas Festa de Natal e Próspero Ano Novo.

Agradecimento

A população da Gave vem, por intermédio deste Correspondente, agradecer à Corporação dos Bombeiros Voluntários de Melgaço pela prontidão, eficácia e dedicação com que dentro de poucas horas souberam extinguir um grande incêndio que há dias, e na *Cabeça de Fiais*, deflagrou ao fim da tarde.

Se eles não fossem, o fogo teria-se alastrado para o baldio florestado de há meia dúzia de anos o que acarretaria avultados prejuízos.

Cont. na pág. 3

Serralharia Rodrigues & Sarandão

Possuidora de moderna maquinaria e pessoal apetrechado, realiza com perfeição e em óptimas condições todos os trabalhos da especialidade

Boavista — Roussas — Telefone 43567



Agostinho & Irmão, Lda

Construção e venda de

apartamentos, terrenos e lojas

ESCRITÓRIO:

Av. General Norton de Matos, Nº 26 - 1º - Sala 5
Telef. 612287

4700 BRAGA

Maria Carolina R.L.A. Dias de Castro

Agente distribuidora dos vinhos do Porto

Av. Dr. António Durães
Telefs. 42302 / 43113 4960 MELGAÇO



Barros
Porto

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Rua Dr. António Durães
MELGAÇO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Proprietária de

«A VOZ DE MELGAÇO»

Director:
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector:
CARLOS NUNO SALGADO VAZ

Redacção e Administração:
Largo da Senhora-a-Branca,
nº 105 - Tel. 25284
4700 BRAGA

Composição e Impressão
em Offset:

Litografia A.C.
R. Cons. Lobato, 179 R/C
Tel. 72967 - Fax 612008
4700 BRAGA

Assinatura anual:
2.000\$00



CONSTRUÇÕES

GUERREIRO & LIMA, L.DA

constrói - aluga - compra
vende casas e apartamentos
qualidade, bom preço

Escrit. - Rua do Fajal nº 20 - R/c - Telef. 73337
Resid. - Rua do Pinheiro, 113 - Nogueira - Telef. 683103 - BRAGA

Compre agora e pague em 12 meses

em

Móveis Castelo

de:
Ramiro de Lima A. Cerqueira

Rua das Escolas
Telef. 42695 • 4960 MELGAÇO

Exposição: Rua da Calçada

Cont. da pág. 2

Falecimento

Em França e em casa de sua filha, faleceu a senhora Ermelinda Ferreira, de 90 anos de idade.

O seu corpo foi sepultado no Cemitério Paroquial desta freguesia.

Paz à sua alma e sentidas condolências à Família.

C.

AGRADECIMENTOS

**Rosa Fernandes
- Val - Chaviães**

A família de Rosa Fernandes, que foi do lugar do Val, freguesia de Chaviães, na impossibilidade de poder agradecer particularmente a todas as pessoas que acompanharam a saudosa extinta à última morada, vem fazê-lo por este único meio, testemunhando a todos o seu indelével reconhecimento.

Agência Funerária Orquídea
Melgaço

Ludovina Esteves

A família de Ludovina Esteves, vem por este meio manifestar publicamente o seu agradecimento reconhecido a todos quantos lhe apresentaram sentimentos de condolência por ocasião do falecimento da saudosa extinta e bem assim a todos quantos se incorporaram nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Agência Funerária Vilarinho
Melgaço

Olímpia da Glória Vaz

Sua família, na impossibilidade de opoder fazer pessoalmente, vêm muito reconhecidamente agradecer a todas as pessoas que acompanharam a saudosa extinta à última morada e assistiram a todos os actos de culto, pedindo desculpa de qualquer falta involuntária.

Agência Funerária Vilarinho
Melgaço

António Alves

A família de António Alves, vem por este meio agradecer muito reconhecida a todas as pessoas que a acompanharam na sua dor, apresentando-lhes sentimentos, estando presentes durante o depósito e sobretudo participando nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Agência Funerária Vilarinho
Melgaço

**Maria dos Prazeres
Fernandes
Cela - Cousso**

A família de Maria dos Prazeres Fernandes, quer agradecer publicamente a todas as pessoas que a acompanharam na dor e luto ocasionados com a morte da saudosa familiar. Mais agradecida ainda se sente a todos quantos, para além das condolências, se incorporaram nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Agência Funerária Vilarinho
Melgaço

**Amadeu Augusto
Alves de Castro**

Sua família vem por este único meio agradecer publicamente a todas

as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor ocasionados pela morte da seu ente querido, bem como a todos quantos lhe apresentaram os sentimentos e sobretudo aos que participaram nos actos fúnebres de sufrágio por sua alma.

Agência Funerária Vilarinho
Melgaço

**Maria Amélia
Rodrigues**

A Família da saudosa extinta, vem por este único meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam à última morada e lhe manifestaram o seu pesar, bem como àquelas que se interessaram pela sua saúde, testemunhando a todas o seu eterno reconhecimento.

Agência Funerária Vilarinho
Melgaço

Laura de Jesus Vaz

Sua Família, na impossibilidade de o poder fazer particularmente, vem muito reconhecida agradecer a todas as pessoas que acompanharam a saudosa extinta à sua última morada e lhe manifestaram o seu pesar, bem como a todas aquelas que assistiram aos actos de culto.

Agência Funerária Vilarinho
Melgaço

**A. Luís Vaz na
Academia Portuguesa
da História**

Cont. da pág. 1

atento à história em *O Santuário de Nossa Senhora da Peneda* (1940); *Tesouro escondido* (1950), colectânea de Cartas inéditas de Sena Freitas, Pinho Leal, Campos Monteiro, etc.; *O Cabido de Braga - Factos notáveis do País ligados à sua história* (1971) e *S. Bento, pai da Europa e deste Portugal que somos* (1980). O doutrinador de intervenção lúcida e oportuna encontramos-lo em *Testemunhas de Jeová* (1974). A *Magna Carta do século* (1971), comentários à «*Communio et Progressio*»; e o *P. Carlos, um Padre de sempre para os nossos dias* (1975).

E muito fica por dizer. Mas importa sobretudo, neste momento e em harmonia com a efeméride destacada no início, pôr em relevo o labor indefeso de A. Luís Vaz em prol do Rito Bracarense, cujo estudo e consequente reposição o Cabido metropolitano precisa de acionar antes das calendadas gregas, desta feita imitando o que

neste campo se fez em Toledo quanto ao rito moçárabe e em Milão quanto ao ambrosiano. Entre sermos hispano-romanos ou galo-românicos uma diferença existe que, na opinião reiterada de A. Luís Vaz, não será equivalente a zero ou Tábuas rasas das tradições multisseculares que embalaram o berço da Igreja nestas paragens ocidentais.

Daqui a quatro anos incompletos, em 1998, estaremos no quinto centenário da edição «princeps» do *Missale Bracarense*. Pois que no intervalo das duas datas tão importantes, a do Breviário que agora comemoramos e a do Missal que iremos comemorar, a questão do nosso Rito, com a ajuda dos trabalhos da ilustrada Comissão há anos nomeada e da dezena de obitos do senhor Cónego António Luís Vaz, Académico de Mérito da Academia Portuguesa da História, se resolva finalmente, para maior honra e êxito pastoral da vetustíssima Arquidiocese Primaz.

Amadeu Torres

**IXª Cimeira Luso-Espanhola
O Alto Minho
esteve presente**

Realizou-se no mês de Novembro, na cidade do Porto, a IXª Cimeira Luso-Espanhola, na qual foram figuras centrais os Presidentes dos Governos de Espanha e de Portugal: Felipe Gonzalez e Cavaco Silva.

O Alto Minho esteve na agenda das conversações, visto que foram contempladas no Plano Inter-regiões as seguintes obras: acessos à ponte sobre o rio Minho, em Valença, a construção de uma nova travessia em Cerveira, a estrada Monção-S. Gregório, a criação de zonas industriais transfronteiriças no Alto Minho.

HABITAÇÃO - VENDE-SE

Recente, moderna, cómoda, em Penso, por motivos à vista.

Falar com o Sr. Adelino
Telefs. 42278 ou 416227 (à noite)

Conjunto Musical

Contacto

O REGRESSO DO VELHO SENHOR

Telef. (051) 42651 - 658 • 4960 MELGAÇO

COMPANHIA DE SEGUROS



FIDELIDADE S.A.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Mediador: Anselmo Manuel Malheiro

Rua Rio do Porto, R/c • Vila • 4960 MELGAÇO
Escrit. Tel. 44031 - Fax 44031 • Resid. Tel. 42525

Serralharia Artística

C O D Y

Portas • Caixilhos
Marquises

(Tudo em Alumínio anodizado)

de: Carlos Alberto Codesso

Granjão - Pademe - Telef. 42244
4960 MELGAÇO

**JOAQUIM RODRIGUES
TEIXEIRA & Cª, LDA**

Construções de Prédios para Venda
Alta Qualidade a Preços Compatíveis

EM BRAGA:

Escritório
AVENIDA CENTRAL, N.º 54 - 1.º

Telefones
27256 / 25185

Móveis Tropical

DE: Maria Fernanda Golim Fernandes

Telefone (051) 42457
S. Gregório
4960 MELGAÇO



MÓVEIS EM TODOS
OS ESTILOS

CANDEIROS
QUADROS

COLCHÕES TERAPÉUTICOS
KENKO PATTO
DECORAÇÕES DE INTERIORES

Bento Gomes

Materiais de
Construção Civil

Telef. 42113
4960 MELGAÇO

Manuel Luis
Domingues Rodrigues

PROFISSIONAL DE INSTALAÇÕES
ELÉCTRICAS

Residência e Armazém:
CELA-ROUSSAS • 43191
4960 MELGAÇO

3 Cartas Amigas

Holanda, Amesterdão, 2-12-1994

Exmo. Senhor:

Director do Jornal a Voz de Melgaço

Com os meus cumprimentos:

Eu Amadeu Augusto Alves, residente em Amesterdão-Holanda, e assinante do jornal que V. Exa. mui dignamente dirige, venho informar que em virtude de no ano em curso terminar a minha assinatura, informo que prorrogo por mais dois anos, ou seja 1995/1996.

Mais informo que em virtude de ter estado em Melgaço em Outubro findo fiz o Pagamento na Gráfica Melgacense ao Senhor Moisés da Costa, que me remeteu o recibo.

Tenho a informar que recebo com regularidade o jornal e faço votos para que continue em expansão e progresso, são os votos sinceros deste vosso assinante.

Mais peço para que seja informado se estou em alguma falta.

«Aproveito para lhes desejar um FELIZ NATAL E ANO NOVO cheio de prosperidade»

Atenciosamente, Amadeu Augusto Alves N.R.: Está tudo em ordem. Agradecemos as gentilezas e os votos de boas festas.

Alfragide, 29-11-90

À Voz de Melgaço

Exmos. Senhores

Incluo o cheque nº 0500659737 do Montepio Geral, no valor de Esc. 2000\$00 (dois mil escudos) para pagamento da assinatura referente ao ano de 1995, cumprindo com o meu dever de assinante e correspondendo ao V/ apelo para serem efectuados em tempo útil os pagamentos de todos nós devemos efectuar.

A propósito dos atrasos de pagamento que vários assinantes tem, devo dizer que acho inqualificável o procedi-

mento dessas pessoas.

Acho que os V/ serviços deveriam ter uma atitude diferente para esses assinantes, pois demonstram uma grande falta de respeito e seriedade, pois não está certo que não paguem, continuando a receber e ler as notícias do jornal da sua terra, que deveriam procurar ajudar a engrandecer.

Com desejos de prosperidades, subscrevo-me

Atentamente, Renato Esteves Cordeiro N.R.: Agradecemos a sua atitude e o pedido que faz aos assinantes para serem mais cumpridores.

Cristelo - Covo, 28-11-94

Exmo. Senhor Director

Tenho a honra de me dirigir a V. Exa. para o seguinte: Se digne publicar no próximo número, o seguinte: Como nos últimos números tem vindo a ser publicada a morte do Mestre Aurélio Rodrigues Barbosa, compadre e meu colega, embora tudo o que tem vindo a ser dito seja realmente a realidade, não é tudo. Ele era uma pessoa honesta e muito digna. Ninguém morria próximo dele, pois não havia nada que lhe fosse pedido que ele não fizesse e não recebia nada em troca. A competência dele era de tal forma que até os superiores lhe pediam informações. Havia colegas que, com ciúmes, o atraçavam pelas costas, pois era muito invejado por alguns.

Além de tudo quanto tem sido publicado, ainda cometeu a proeza de salvar uma criança em Castro Laboreiro, criança que os médicos já a tinham desengano: que morria. Por isso a toda a família em luto apresento as minhas sentidas condolências.

Subscrevo-me com estima e consideração,

José Manuel Augusto

Falemos da freguesia de São Paio...

Estimados conterrâneos, ainda, e com referência ao artigo publicado neste jornal — Quinzenário nº 1018, de 15 de Novembro de 1994, assinado por mim Manuel José Simões Durão, sobre a incrível destruição das canalizações de água para abastecimento dos domicílios da freguesia, assunto que mereceu toda a atenção da parte das entidades administrativas da Câmara Municipal de Melgaço; das da Junta de Freguesia de São Paio, e da maioria dos Sãopaienses, para que os autores de tão indigno procedimento! fossem desmascarados, segue mensagem do Presidente da Junta de Freguesia...

Manuel Durão

Mensagem do Presidente da Junta de Freguesia de São Paio... para todos os Sãopaienses

Habitantes da Freguesia de São Paio, caros conterrâneos, com uma certa intimidade para convosco, é meu desejo revelar-vos qualquer coisa de muito íntimo que sinto no mais profundo do meu ser...

Sãopaienses, nesta paróquia — que é a nossa — nasci; fui baptizado; cresci dentro dum ambiente de família honesta; e, quando cheguei à idade da compreensão, constatei que gostava dela. Olhava para tudo o que a rodeia, elevando o meu olhar ao mais alto dos contornos que a envolvem, para, calma e aprasivemente, fazer convergir a minha vista num centro hemisférico maravilhoso! que a suporta na sua voluptuosa distensão... e achava-a bonita, direi mesmo encantadora!... Quis conhecê-la. Para isso, corri todos os seus cantos; saltava pisando-a com carinho; de alegria cantava na companhia dos pássaros... Entrava em casa radiante, com o coração cheio de entusiasmo.

Cedo na minha vida, jovem adolescente, tive que deixá-la: ausentei-me para o estrangeiro, e, então, senti-me triste pela sua falta. Trazia-a sempre no pensamento: todas as noites, ao deitar-me, deixava-me dormir a pensar nela... Sonhava com ela! Compreendi, então, que estavaapai-

xonado da minha querida freguesia... De todas as vezes que tinha ocasião de a vir visitar, ao voltar a deixá-la de novo, sentia o meu coração pulsar com o desejo ardente de me firmar nela: constituir uma família, o mais depressa possível, para pelo menos, ter laços que me ligassem firmemente a ela, com o intuito de não me deixar derivar por outros lados.

Estimados conterrâneos, com a concretização daquele meu desejo ardente, a formação e assento do meu lar familiar nesta paróquia comecei a conhecer as necessidades dela! Reconheci que se sentia envelhecer com o desleixo com que a tratavam. Achei que sendo ela aos meus olhos — tão bela, tão fértil e amena, merecia mais atenção, mais cuidado, e mais conforto para realçar a sua beleza e a sua fertilidade... Enfim, era necessário fazer tudo para que se mantivesse jovem e atractiva... Promover tudo o que fosse necessário para que a sua beleza natural não se deteriorasse.

De todo aquele meu reconhecimento, do desleixo com que era tratada, aumentava no meu coração o desejo de um dia poder dedicar-me à sua protecção, ao seu embelezamento, pelo amor que lhe tenho.

Esse dia, tão desejado por mim, chegou. Para mim, o sentimento de me sentir livre para satisfazer aquele meu desejo era puro. Porém, compreendi que, para o

satisfazer, não chegava só o motivo de estar apaixonado por ela! Tinha que ter a ajuda dos outros seus habitantes — talvez tão apaixonados por ela, como eu próprio! — Portanto, com o meu sentimento puro, recorri à vossa ajuda...

Foi então, quando recorri a vós para me ajudar, que reconheci que estáveis — na maioria — tão interessados como eu próprio o estava, na sua protecção! E reconheci também que lhe queíeis tanto como eu próprio lhe quero!...

Falei-vos e vós compreendestes a minha intenção, e quisestes ajudar-me, chegando a proclamar-me — na unanimidade —, sem que por o tanto fosse esse o meu desejo, vosso Presidente de Junta.

Desde aí, com a vossa colaboração, cheia de ânimo e muita força de vontade, tenho feito — do meu melhor — tudo o que posso, mesmo ao ponto de me prejudicar na minha vida privada, para o progresso da nossa querida Freguesia, de que tanto necessita! E para o bem-estar dos seus habitantes.

Comecei por me preocupar com o abastecimento de água aos domicílios, a primeira — sendo a mais importante — das inúmeras necessidades da Freguesia... Numa reunião, ainda na ocasião das eleições para a Junta, no dia 5/12/1993 exactamente, expus-vos a minha ideia na maneira de proceder para levar a

Cont. na pág. 5

CLIMELGAÇO

CLÍNICA DE MEDICINA DENTÁRIA, LDA.

Gabriela Domingues • Manuel António Costa
MÉDICOS DENTISTAS, pela Faculdade
de Medicina Dentária do Porto

Rua Dr. António Durães • Telef. 44225 • Vila - 4960 MELGAÇO

Agência Funerária Orquídea

COM AUTO-FÚNEBRE PRÓPRIO

Fazemos funerais e transferências para todo o País e Estrangeiro. Tudo relacionado com o Funeral e todo o trabalho em flores naturais.

Serviço permanente

Contacte-nos pelos telefones:

Diurno: em Melgaço = 43048

Nocturno: em Alvaredo = 42037

REPRESENTANTE AUTORIZADO DA FIRMA



Campas em Granito e Bronzes

Arte Funerária

Rua Dr. António Durães

A. Pimenta de Castro

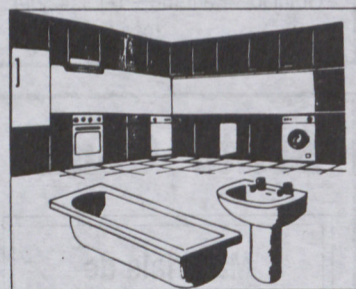
MÉDICO ESPECIALISTA

- Doenças Pulmonares
- Doenças Alérgicas respiratórias
- Provas funcionais respiratórias

Consultórios:

Torre do Liceu - 4º Andar • Tel. 821844 • Viana do Castelo
Clínica de Monção • Tel. 652160 • Monção

António Alberto Pinto de Oliveira



COMÉRCIO DE AJULEJOS,
MOSAICOS,
LOUÇAS SANITÁRIAS,
BANHEIRAS,
TORNEIRAS, ETC.

R. dos Galvões «Viv. Rosita e Oliveira» - Catujal
Telef. e Fax 9412664 • Telemóvel 0676 - 451921
2685 SACAIVÉM - Armazém nas Trazeiras

ELECTROVISÃO

Maria Adelaide Fernandes

Agente Oficial das Marcas:
AEG / TELEFUNKEN e GRUNDIG

Assistência Técnica
Venda de Aparelhos
Electrodomésticos

Rua do Rio do Porto
Telf. 42650 • 4960 MELGAÇO



Hotel Carandá

* * *

Praceta João XXI — 4700 Braga
Tel. 612 200 - Telex 32136 - Fax 612 211

Avenida da Liberdade, 96 — 4700 Braga
Tel. 61 45 00 - Telefax 77030

Proprietário e Administrador:

Manuel Rodrigues

Cada cliente, um amigo: cada melgacense, um familiar.

DECOR. ALTO.MINHO

DE Manuel Luis Domingues

Cortinados • Varões • Sanefas

Uma casa bem decorada é sinal de distinção e elevação.

Estrada Nacional - Vila • Telf. 43903 • MELGAÇO

Quem decepou a cultura?

Foi no início do mês de Abril de 1994 que a novidade se espalhou pela Freguesia e arredores. Alguns dias após, todo o Concelho sabiam: «Apareceram vestígios arqueológicos no Monte dos Castelos, em Penso».

E então era ver as procissões de curiosos a examinar tudo o que se encontrava no local. A maior parte deles não eram propriamente pedagogos culturais, procurando alguma pedagogia histórica no local, mas sim curiosos «garimpeiros» ávidos açambarcadores do que lhes parecesse mais rentável. Também apareceram os «arquitectos paisagistas», saqueando as peças mais volumosas para colocarem nos jardins de suas casas. De enxada e picareta em punho foram revolvendo tudo aquilo que pensavam estar a esconder, segundo os mesmos, «o sino de ouro», o tear do mesmo metal», e outras «pedrarias e preciosidades»; os outros atreviam-se a discutir o local: «de certeza que é neste monte, pois está escrito no livro».

Perante os olhares serenos e acomodados de autarcas iam sendo destruídos pedaços de muros, restos de cerâmica, retirados objectos como pedras de moer, pias, maçãs, etc. Como as buscas relacionadas com as «riquezas» fossem infrutíferas, abandonaram a «lei do saque».

Alguns meses mais tarde começou a trabalhar uma equipa de arqueologia do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, fazendo um levantamento e demarcando o local. Após o início dos trabalhos de escavação foram pondo a descoberto inúmeros muros e paredes, recolhendo uma infinidade de objectos metálicos, cerâmicos, etc. Embora lentamente, conforme a natureza dos trabalhos o exige, iam ficando à luz do dia cada vez mais vestígios e mais completos. A área de trabalhos foi aumentando até atingir mais de 5000m², área essa abrangida por elementos atrás referenciados.

Cerca de um mês e meio após o início das escavações, veio a público uma notícia num diário portuense que referia um encontro entre os responsáveis do IPPAR e da Câmara Municipal sendo decidido, nessa mesma reunião, o desinteresse da estação arqueológica, não valendo a pena alterar o traçado original da estrada.

E qual a importância dada pelos membros do poder local ao desenrolar dos trabalhos? Alguém se importou ou se preocupou em recolher objectos encontrados no local para mais tarde ordenar e constituir um espólio? Não, ninguém se importou. Foram os particulares retirar aquilo que quiseram e puderam levando para suas casas. O mais agravante foi

terem sido pessoas de outras Freguesias, não de Penso, os autores dos desvios de material. A acção da autarquia também neste ponto não se fez sentir. Vão ou não ser restituídas as peças em poder dos particulares que indevidamente as possuem? Quando se procedeu ao arrasamento total da área em causa, com a consequente destruição daquilo que tinha sido posto a descoberto, ningué se preocupou a recolher mais achados provenientes da acção das máquinas de terraplanagem. São lamentáveis tantas falhas na política cultural apadrinhada pelos nossos edis.

Depois de meses de trabalho, milhares de contos gastos e resultados bastante positivos, até parece que os responsáveis pela cultura se acham donos dela e sentem o direito de colaborar na destruição do mesmo.

Será que estamos irremediavelmente condenados a coexistir só com a outra cultura (aquilo a que dão o nome de festa)? É bem provável, pois quando aparece algo de diferente e sério não lhes dão o merecido e real valor com a devida protecção.

Atrever-me-ia, com o justo respeito pelas pessoas, a citar o ditado popular que alguém me referenciou quando soube que tudo tinha ido por água abaixo: «Deram pérolas a porcos...».

J.C.

Falemos da freguesia de São Paio...

Cont. da pág. 4

bom termo um projecto de tal envergadura!... Puséste-vos de acordo com a minha ideia; chegastes mesmo a aplaudir-me! Ao sentir tanto entusiasmo da vossa parte, o meu coração jubilou de ver o meu sonho de fazer da Freguesia de São Paio um jardim!, realizado com a vossa ajuda... Porém, estimados conterrâneos, ao ter tomado conhecimento da destruição — acto levado a efeito recentemente — das canalizações de água para abastecimento dos domicílios da Freguesia, verifiquei que todo aquele vosso entusiasmo não foi compartilhado por todos os paroquianos. Mesmo que pensemos ser uma minoria entre vós a não estar de acordo, temos que convencer-nos de que não o sois a cem por cento. Deduzi então que, como os fios de qualquer fibra têxtil, mesmo que eles sejam resistentes, basta que uma pequena malha se desligue para que o entrançado da obra no tear se descomponha.

Concentrei-me no assunto e, embora possuído — como todo o ser humano pode ser — dum sentimento de revolta, de indignação, com vontade de desmascarar os responsáveis da fautoria, para que sofressem as consequências do castigo de imputação pela Lei... (Porque, realmente, caros conterrâneos, ver um trabalho bem concebido, que originou tanta despesa e esforço físico; que tinha sido autorizado, recebendo felicitações dos Enge-

nheiros e Entidades Administrativas da Câmara Municipal de Melgaço — a quem agradeço toda a ajuda: sugestões, ânimo infundido, compreensão...), obedeci ao impulso dos meus sentimentos puros de evitar conflitos, reconhecendo que o acto de busca dos malfeitores, com revolta e indignação, ia provocar ódio, rixas, desavenças, inimizades entre os paroquianos, encaminhando-os para uma separação irremediável. Preferi, tendo em conta — na minha maneira de pensar — que o dever de um bom Presidente, que quer continuar a ser bom, é de contribuir para que os seus administrados se unam... fazer-lhes compreender que, para ele, no cumprimento do seu dever de Presidente, não há diferenças que uns e outros... Nem há privilégios que os diferencie — Só há o desejo ardente de impedir invejas, calúnias entre eles.

Não obstante, não quero deixar de expor-vos que sou consciente de que tudo o que recidiva na falta de respeito aos direitos comunitários de uma freguesia estabelecida pelo povo, não pode deixar de ser contestada e severamente castigada.

Sãopaenses, acho que um bom Presidente deve zelar pelos interesses do território atribuído à sua jurisdição, em geral, sem excepção, para o progresso e bem-estar de toda a população. É nisso que eu me empenho, como vos prometi naquela reunião do /12/1993, na ocasião das eleições. Mas, digo-vos com toda a sinceridade, do mais próximo da minha alma, se não fordes vós — a cem por cento unidos — a ajudar-me, não poderei cumprir a minha promessa. E, sinto-me triste ao dizê-lo, o meu sonho de adolescente; de fazer da Freguesia de São Paio um autêntico jardim, será aniquilado!

Mas, de contrário, se vós ajudardes — todos em conjunto, sem excepção —, seja comigo ou com outro Presidente, — porque não quero que julgueis que me considero mais do que outro qualquer —, conseguiremos realizar aquilo que a nossa Freguesia tanto deseja e merece: — torná-la a mais bonita de todas as freguesias, para nosso orgulho e atracção daqueles que a visitem.

O Presidente da Junta de Freguesia de São Paio
Manuel José Vaz Pereira

Dr. Maria Cândida Fonseca

A D V O G A D A

ESCRITÓRIOS:

MELGAÇO: Largo Hermenegildo Solheiro • Telefone e Fax 44420

PORTO: R. do Cidral de Baixo, 6 - 1º • Telefone 317200



António Medela, Lda.

COMPRA E VENDA DE APARTAMENTOS
EM MELGAÇO/MOLEDO/BRAGA

Carvalho do Lobo - Roussas • Tel. 45316 (fim de semana)
4960 MELGAÇO Residência: Tel. 44130

Laboratório Dentário de Melgaço



Na antiga Casa do Povo - Loja Nova

Oferece-lhe agora, a preços excepcionais e com desconto de 10%: Próteses acrílicas, fixas, ortodontias e esqueléticas.

Consultas: terças e sextas. Sábados (durante a manhã).

Manuel António Ribeiro

SOLICITADOR

Escritórios:

MELGAÇO

Largo Hermenegildo Solheiro - Telf. 42211

MONÇÃO

Av. da Estação/Ed. Chave Douro, 2º Esq./Frente



CONSTRUÇÕES

Adelino Medela e Filhos, Lda.

«Orgulhamo-nos do que construímos»

CONSTRÓI, COMPRA, VENDE APARTAMENTOS E LOJAS, EM BRAGA E PRAIA DE MOLEDO DO MINHO

Visite-nos na: Avenida Norton de Matos, nº32 • 1º Dto. • Sala F (frente aos Correios no Largo dos Penedos) • Tel. 618525 • 4700 BRAGA

DANIÉL VIDAL

- Tacos • Parquêt's • Lamparquêt's •
- Soalho • Forro • Vistas • Rodapés •
- Cortiças •

Fornecimento e Colocação

Agente das Tintas Garpintex

Estrada Rio do Porto • Tel. (051) 44361 • 4960 MELGAÇO



Miraflor

A BOUTIQUE DAS FLORES

Ramos de noiva, ornamentação de carros para casamentos, Decorações de Igrejas, Arranjos de flores frescas, secas e artificiais, Coroas, Palmas, Bouquets, Corações, Etc.

Rua Dr. Afonso Costa • Telefone 44014 — Melgaço



MINHOINVESTE - NO TOP DA CONSTRUÇÃO

João da Costa Pereira de Macedo • Ferreira Dias & Oliveira, Lda.

CONSTRUIMOS E VENDEMOS COM QUALIDADE SUPERIOR
HABITAÇÕES • LOJAS • ESCRITÓRIOS

- "Terraços do Bom Jesus" — Rotunda do Feira Nova — Braga
- "Edifícios Casa Nobre" — Av. 31 de Janeiro — Braga
- "Parque Residencial do Alcaide" — Junto ao Governador Civil — Braga
- "Parque Residencial Monte Carlo" — Rua de Santa Margarida — Braga
- "Edifício Zende Palace" — Esposende

Escritório: Av. da Liberdade, 498 - 1º Esq. • Telef. 26535 - 616424 • 4700 BRAGA

Do meu Outeiro

No Pêso

Não sei quem poderá ser, mas alguém deverá exigir da empresa que arranjou a estrada desde o Hotel Ranhada até à ponte junto às Termas, a conclusão do piso dessa estrada que tal como ficou é uma vergonha para quem executou a obra e para quem assim a consente.

Contra o Turismo

Um casal visita pela primeira vez o Minho, passando por Melgaço, disposto a sair pela Ameijoeira por onde lhe tinham dito haver fronteira aberta, contudo para melhor confirmar, esse casal, ao passar em Âncora perguntou no Turismo local qual seria o horário dessa abertura e, então, foi-lhe dito que a fronteira da Ameijoeira estava fechada!

Linda maneira de fazer Turismo... Felizmente no turismo de Melgaço, sabiam que essa fronteira estava aberta.

Mais...

O casal já referenciado, de visita à Senhora da Peneda, em Agosto, lembrou-se de saborear umas sandes de presunto já que o dia e a hora a isso convidavam. Mas triste desilusão!... Nos cafés, que estavam abertos, além de não haver presunto também não havia pão... Que

belo convite a quem visita a Senhora da Peneda!...

... e Mais

Num restaurante da nossa terra, um reclamo luminoso com letras em movimento, anuncia várias coisas para comer, entre elas pratos regionais. Quando se perguntou por curiosidade quais os pratos regionais, surpreendeu-nos a resposta. É que na «lista verbal», do cabrito, da lampreia, e em vez de bacalhau frito com arroz de feijão, e do presunto, ouvimos o nome de leitão, o que embarçou o nosso informador quando lhe dissemos que leitão não era prato regional de Melgaço...

Assim vai o Turismo na nossa terra.

Trânsito

Na nossa vila cada vez falta mais espaço para estacionamento e, para ajudar, a nossa Câmara ainda profbe o estacionamento de automóveis no lado da rua, junto ao café Real, quando nessa rua há espaço razoável para quatro automóveis (dois estacionados e dois em andamento) mas em contra partida, nesse mesmo local de proibição, autoriza (a Câmara) uma esplanada que ocupa mais espaço que os automóveis.

Zé da Aldeia

Convento de Nossa Senhora da Conceição da Ordem de São Francisco, Carvalhiças, Melgaço

Tendo-me sido presente o requerimento dos Mezaros e mais irmãos da Ordem Terceira de São Francisco da vila de Melgaço, pedindo que lhe fosse concedida a Igreja do extinto convento de Santo António da mesma vila com os paramentos alfaia e Sacristias a ele pertencentes.

Hei por bem, conformando-me com o parecer que sobre esta pretensão emitiu o Tribunal de Tesouro Público em consulta de onze de Setembro último, conceder aos suplicantes a mencionada Igreja com suas sacristias e os ditos paramentos e alfaia, ficando todavia esta concessão dependente da aprovação das Cortes.

O Barão do Tojal Par do Reino, do meu Conselho, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda assim o tenha entendido e faça executar.

Paço das Necessidades, em trinta de Novembro de mil oitocentos e quarenta e três — Rainha — barão do Tojal.

Cópias deste documento foram transmitidas ao Governador civil de Viana, ao Arcebispo de Braga, e, por este, respectivamente, à administração do concelho de Melgaço e ao arcepreste da comarca de Monção e daquela deste outras cópias fizeram chegar às mãos da Mesa da Ordem Terceira, que da Igreja e dos objectos concedidos tomou posse no dia 15 de Janeiro de 1844.

Apesar de a Igreja do Convento ter sido cedida à Ordem Terceira de São Francisco, estabelecida em Melgaço, não poder alterar os termos da venda como já foi dito, diversas questões tiveram que sustentar com o comprador da residência conventual principalmente por causa da porta do Coro que deste dá para o interior da casa arrematada; desta porta também dá passagens por uma canjeja aberta na parede lateral da Igreja por ainda hoje se passa para ir tocar o sino à torre sineira. O novo dono da residência opunha-se a esta passagem. Também ficou aberta a porta da Portaria. Assim o abade de S. Paio ficava também com entrada pelo adro e a irmandade opunha-se. Daí um pleito em tribunal. Resultou que a porta da Portaria com passagem pelo adro foi cravada, mas perdurou até nossos dias a porta do coro que nunca foi fechada. Mas a ordem terceira também nunca deixou de passar para ir

tocar o sino. Este ano num acordo, o Sr. P.º Justino Domingues, ainda pároco da vila, e o Sr. Dr. Manuel Lisboa Menezes e família, acordaram em acabar com a devassidão da residência para a Igreja e desta para a residência, não prejudicando a subida para ir tocar o sino.

O abade de S. Paio, P.º António Bernardo Gomes da Cunha, arrematante dos bens do convento das Carvalhiças, morreu em 8 de Fevereiro de 1857, ao seu funeral assistiram 33 sacerdotes, tempo de abundância de clero, hoje teriam de ser clérigos de meia Diocese.

Este abade de S. Paio devia ser vaidoso, porque não só comprou os bens do convento das Carvalhiças, como se serviu de amigos para lhe arranjar comendas. Assim o mostra uma carta escrita seis dias antes de morrer.

Ilustríssimo amigo e Senhor Joaquim José Pereira Miranda

Serve esta para lhe dizer que é da minha vontade e lhe peço que depois da minha morte entregue ao meu amigo José Bernardo Pinto da Cunha, Juiz de Direito da Comarca de Ponte de Lima e despachado para desembargador dos Açores, a quantia de seis centos mil reis, deduzida ao dinheiro meu que Vossa Senhoria tem em seu poder; E caso ele morra primeiro que eu, então entregará a mesma quantia a sua senhora dona Maria, e se esta tiver falecido, a seus herdeiros.

Quantia que lhe mando em gratificação de me ter arranjado a comenda, e feito outros serviços, que a vista desta pelos seus herdeiros lhe deverá ser abonado.

Espero que assim o cumpra, e assim lho pede este seu amigo velho, e obrigado.
António Bernardo Gomes da Cunha
Melgaço, 5 de Fevereiro de 1857

Na Ordem Terceira de São Francisco de Melgaço, ou pelas contendas que teve com o comprador dos bens do convento, ou pelas ideias liberais do tempo, o fervor dos confrades foi arrefecendo; não se organizavam os orçamentos, nem mesmo a prestação de contas. Assim em 18 de Outubro de 1874 foram feitos à pressa os orçamentos de 1872 e 1873 para se enviarem ao

governador civil. Salvou-se assim a venerável Ordem, mas em 26 de Novembro de 1881 os orçamentos e as contas já não estavam outra vez em dia e foi preciso organizar outra vez em série os orçamentos de 1873, 1874 a 1880, 1881 para seguirem o seu destino.

Os síndicos ainda lançaram as contas no respectivo livro de receitas e despesas até 1894, 1895, mas eram limitadas só aos saldos e a indicação dos juros e das esmolas recebidas que já não abundavam.

Havia a despesa obrigatória: missas, cera, capelão e dez por cento para o Domus Caritatis (devia ser para o hospital da Misericórdia que tinha esse título). Como não se faziam os orçamentos, nem se apresentavam os processos para a prestação das contas, a administração do concelho cansada de esperar o cumprimento da lei, perguntou ao juiz da Ordem em dois de Julho de 1896: 1 - Qual a data do Estatuto ou compromisso pelo qual se regem; 2 - Qual o número de irmãos varões; 3 - Data da última eleição da Mesa; 4 - Ano das últimas contas aprovadas; 5 - Ano em que foi aprovado o último orçamento ordinário.

Como resultado destas perguntas surgiu este ofício.

Melgaço, 17 de Julho de 1896. Nº. 63

Exmo. Sr. Governador Civil
Viana do Castelo

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que a irmandade denominada Ordem Terceira desta vila, deve ser extinta por estar abandonada dos irmãos, os quais sendo convidados editalmente para declarar se queriam continuar a administrá-la, apenas compareceu o irmão que há mais de 20 anos está de posse dos haveres da mesma confraria como consta do incluso termo de declaração. Deve pois considerar-se abandonada, pois desde o ano económico de 1880, 1881 não tem prestado contas, e desde 1890, 1891 não tem apresentado orçamentos para aprovação e os seus bens e valores incorporados na respectiva Junta da Paróquia. O administrador do Concelho.

José Joaquim da Rocha Queiroz
12 (continua) — Marcer

Lê e anuncie no jornal

"A Voz de Melgaço"

Funerária Mira

A primeira:

- ✓ no tempo
- ✓ no serviço e agrado
- ✓ na qualidade e custo
- ✓ no saber estar e acompanhar

Auto fúnebre para funerais. Translações em todo o país e estrangeiro

Serviço Permanente

Alvaredo e Rua Dr. Afonso Costa • Telefone 416237-44014 • MELGAÇO

Casa Paris

Fundada em 1966

de: Jaime Afonso

Especializada em Louças, Cristais e Artesanato

Serviços de jantar, café e chá • Serviços de copos cristal e vidro • Bronzes • Cobre • Quadros Óleo • Brinquedos • Louças Decorativas e Brindes

LARGO DA CALÇADA • TEL. 42264 • 4960 MELGAÇO

Farmácia Dias Ferreira

Direcção Técnica e Propriedade:

D.ª Júlia Eduarda Dias Ferrelra

EM SERVIÇO PERMANENTE E AO SERVIÇO DA SAÚDE E BEM-ESTAR DOS MELGACENSES

Estrada Nacional • Telefone 43312 • MELGAÇO

MELBRILHA

A MELBRILHA convida-o a efectuar um contrato anual de manutenção e limpeza da sua casa e jardim

Disfrute da Natureza e deixe que nós tratemos da limpeza do seu lar, porque nós defendemos o ambiente



LIMPEZA EM:

- ✓ Serviços Públicos e Comerciais
- ✓ Andares em prédios acabados de construir
- ✓ Tratamentos de Pisos - Mármore, Tijoleiras e Madeiras
- ✓ Residências Particulares

SEDE PROVISÓRIA: Rua Velha s/ nº - 1º Dto. • Tel. 43111 • 4960 MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» vista do Brasil

No mesmo dia, 5 de Dezembro, recebemos duas cartas amigas, vindas do Brasil: uma de D^a Palmira Domingos e outra do Manuel Félix Igrejas.

Ambas as cartas se referem a «A Voz de Melgaço».

A D. Palmira escreve: «Felicito a «Voz» pelos novos correspondentes que a valorizam nos belos artigos culturais imbuidos de poesia dum amor pátrio enraizado no profundo carinho conterrâneo, relembrando os lugares da terra onde seus olhos se abriram,

pela primeira vez, para as belezas do Criador. Orgulhamo-nos dos nossos conterrâneos. Parabéns, meu Amigo, pelo seu jornal cada vez mais rico até no «visual».

Manuel Felix Igrejas escreve: «O jornal está cada vez mais literário, o que, a meu ver, lhe dá uma extraordinária categoria. Noticiosamente é aquilo mesmo, na nossa terra nada há a noticiar a não ser as chegadas e partidas que o Alfredo faz muito bem e, lamentavelmente, falecimentos».

CUMPRIMENTOS DE *Boas Festas*

Enviaram-nos cumprimentos de Boas Festas natalícias: a Sra. D. Maria da Graça L. Cruz, nossa distinta colaboradora, e o nosso correspondente em Melgaço, Alfredo Lourenço do Paço e, ainda, João Manuel Rodrigues Afonso, de S. João da Pacha, e o Dr. Aurélio Rodrigues, da Sub-Região de Saúde de Viana ao Castelo.

Os nossos agradecimentos.

Recordando...Meditando Tradições de Natal

Desde sempre não há Natal sem festa. Só em casa onde a infelicidade, os desgostos ou a pobreza extrema bateram à porta, essa festa não se realiza. Para esses o nosso pensamento de mágoa.

Do bacalhau ao peru tudo tem a sua entrada de honra e imprescindível, não faltando as doçarias, na mesa da consoada.

Embora haja grande incómodo para as consciências mais preocupadas com a fraternidade, parece ser já mais fácil, admitir Natal com guerra e sem paz, do que sem uma mesa cheia de iguarias próprias da quadra. Diferentes de país para país sim, mas profundamente arreigadas à vida familiar, ou não fosse o Natal a grande festa da família.

Há na nossa santa terrinha um hábito bem arreigado é o «fiel amigo» (embora cada vez mais caro) como manda a tradição, cozido com batatas e couves ou grelos de nabo e também para muitos com ovos cozidos.

Nas refeições do dia 25 impera o peru. Diz-se que Jaime I que reinou em Inglaterra por volta de 1625, se sentia indisposto com a tradicional carne de porco, habitual no Natal dos nórdicos e mandou substituir pelo peru. Assim teria ficado tradição através dos tempos comer-se peru pelo Natal.

Na Dinamarca o prato de Natal é o ganso e na Norue-

ga, as costeletas, sendo na Suécia a tradição diferente: comem perna de porco.

Os doces variam conforme a região, mas cá em Portugal indispensáveis são os filhoses, as rabanadas ou também o arroz-doce, a aletria doce e sempre o bolo-rei.

Várias são as lendas tecidas acerca do bolo-rei.

Conta uma delas que quando os Reis Magos, guiados pela estrela, se dirigiam ao presépio para louvarem e presentear o Menino Jesus, pararam para descansar já a pouco mais de uma légua de Belém, começando a discutir qual seria o primeiro a dar a sua oferenda ao Menino.

O cozinheiro da estalagem resolveu intervir, propondo-lhes fazer um bolo e meter-lhe dentro uma fava. Aquele que ao comer o bolo encontrasse a fava, seria o primeiro a entregar o presente.

A fava passou assim, juntamente com o bolo a ser forma de resolver litígios e como foi inventada no Natal, não mais deixou de todos os anos o acompanhar.

Outra lenda conta que era um bolo confeccionado com fruta seca mas que devia ser comido em número de doze, por cada pessoa, entre o Natal e os Reis, porque só assim proporcionaria a essa pessoa exactamente aquilo que as suas partes simbolizavam. A côdea trazia ouro para o ano seguinte, porque o simbolizava; o miolo e as frutas secas, a mirra e o incenso, respectivamente. A mirra simbolizava o poder e o incenso a adoração e o respeito.

Também a missa do galo tem várias tradições interessantes.

Na província de Toledo, em Espanha, antes de baterem as doze ba-

daladas da meia noite, cada lavrador da província tem por tradição matar um galo em memória do que cantou três vezes, quando Pedro negou Cristo outras tantas.

Depois de morto, o galo é levado para a Igreja e aí oferecido aos pobres para o almoço do dia de Natal.

Também em algumas aldeias portuguesas e espanholas é tradição levar para a Igreja o galo vivo.

Se ele cantar é sinal de que vão ter colheitas fartas e riqueza, se não cantar, será um mau ano. Será que tanto uma tradição como outra ainda serão cumpridas?

A Missa do galo só no século V começou a ser celebrada em Roma, porque até aí apenas se celebrava uma no dia 25.

Como serejavam duas e a primeira era ao romper da aurora, para que se distinguisse da outra, passou a chamar-se: Missa do Galo. Ao longo dos tempos foi sendo antecipada até se fixar por volta da meia noite, como actualmente.

E a propósito de missas natalícias, também o lindo cântico natalício — Noite Feliz — foi composto nas vésperas do Natal de 1818 numa aldeia dos Alpes, por um padre chamado Joseph Mohr que lhe fez os versos, e a música por um professor primário, Franz Xavier-Ganler.

É a mais famosa canção de Natal, dum inspiração maravilhosa.

Foi na aldeia austríaca de Oberndorf, que ela nasceu, para colmatar a falta do órgão que os ratos haviam roído uns dias antes, deixando o pároco em pânico, porque não se podia conceber missa sem música muito menos no Natal.

O organista que tocava bem violão, teve naquela circunstância de se

fazer acompanhar por esse instrumento com o apoio de um coro de crianças.

Depois de divagar por tão belas tradições de Natal em lendas e realidades gastronómicas, nada mais resta que desajar aos leitores deste jornal um Santo Natal e mesa farta dos acepipes tradicionais da quadra.

Que o proveito seja bom e que as bênçãos do Céu não lhes faltem.

Lisboa, Natal de 1994
M.S.

NOTA: Os dados foram colhidos de uma separata dedicada ao Natal de um vespertino da capital.



NÃO FAÇA MAIS CONTAS À VIDA!



CONTA INVESTIMENTO

RAIZ TESOURARIA • RAIZ RENDIMENTO

A Conta Investimento faz as contas por si. Aplique as suas poupanças nos Fundos Raiz Tesouraria e Raiz Rendimento e colha os seus frutos na melhor altura. Consulte já a sua Caixa de Crédito Agrícola... Porque as boas contas fazem os bons amigos!



“O Adérito”

António Adérito da Costa

SERVIÇOS DE CASAMENTOS • BAPTIZADOS
COMUNHÕES E BANQUETES

Telefone 43953 • Santo Cristo • 4960 MELGAÇO

Adega Regional «Sabino»

DE: Manuel Augusto de Castro

ALMOÇOS • JANTARES • CHURRASCOS
SARDINHA ASSADA
BACALHAU NA BRASA E PETISCOS

Largo Herm. Solheiro • Telef. 44576 • 4960 MELGAÇO



MARMOVIANA

Sociedade de Mármore de Viana, Lda.

Na arte funerária e decorativa – Granitos nacionais e estrangeiros

Av. do Mar, 1296 • Tel. 058-835895 • Areosa – Viana do Castelo

INSTITUTO CULTURAL GALAICO-MINHOTO

Entrevista com o Presidente do Instituto, Doutor José Marques



De 21 a 24 de Setembro realizou-se o V Colóquio Galaico-Minhoto nas cidades de Braga, Barcelos e Famalicão.

Foi muito participado por intelectuais portugueses e galegos.

Como somos minhotos e raianos com a Galiza e como o Presidente do Instituto Galaico-Minhoto é o nosso conterrâneo Doutor José Marques professor da Universidade do Porto, resolvemos entrevistá-lo, entrevista que publicamos a seguir:

Voz de Melgaço – Por que nasceu este Instituto? Quais os seus objectivos?

Doutor José Marques – Este Instituto, que passou a ter existência legal por escritura pública de 8 de Novembro de 1982, na prática, é bastante anterior, tendo, inclusive, realizado o seu I Colóquio, em Ponte de Lima, de 1 a 5 de Setembro de 1981, tendo as *Actas*, em dois volumes, sido publicadas em 1983.

Na sua origem está a consciência que um pequeno número de investigadores locais e docentes universitários, oriundos do Minho e da Galiza, tomou da necessidade de aprofundar o conhecimento do muito que a história e a vida das populações situadas de ambos os lados do rio Minho conservam em comum, não obstante a pluricentenária vigência da fronteira política. Esta consciência não surgiu por acaso. Teve e tem como suporte um clima de sincera amizade pessoal, convergência de interesses culturais e, sobretudo, o conhecimento mútuo dos resultados das investigações autónomas, feitas individualmente de um e do outro lados da fronteira.

Os objectivos continuam a ser os mesmos: «cultivar e promover a investigação no campo das ciências humanas, na região Galaico-Minhota e as culturas afins e limítrofes», contando-se, entretanto, com a natural e compreensível ampliação e diversificação dos campos de investigação e intercâmbio cultural, constituindo os seis volumes de *Actas* já publicadas um precioso repositório de estudos, que importa percorrer para captar a enriquecedora variedade de linhas de pesquisa iniciadas e, em muitos casos, prosseguidas.

V.M. – Onde nasceu e quais os seus principais impulsionadores?

J.M. – Embora estatutariamente a sede do Instituto seja em Viana do Castelo, desde o início, nos primeiros anos esteve sediado, com plena anuência da Câmara Municipal de Ponte de Lima, nas dependências do seu Arquivo Histórico, instalado na Torre da antiga muralha, onde trabalhava como arquivista, o saudoso José Rosa de Araújo, um dos fundadores e dos grandes entusiastas do Instituto. Para isto concorreu também o facto de vários sócios fundadores estarem

radicados nesta vila minhota ou com ela terem algum motivo de ligação, nomeadamente o Dr. João de Abreu de Lima, então Presidente da Câmara Municipal, que encabeçou, pela parte portuguesa, a lista dos fundadores outorgantes na escritura notarial, o Dr. Pedro de Magalhães, o Cónego Dr. Luciano Afonso dos Santos, já falecido, o Dr. Manuel Artur Norton, que desenvolveu uma actividade relevante no período em que a Direcção do Instituto esteve, pela primeira vez, do lado de Portugal. Além destes, contam-se entre os fundadores os Professores Avelino de Jesus da Costa, Luís António de Oliveira Ramos, Humberto Baquero Moreno e nós próprio, sem esquecermos o Dr. Eugénio da Cunha e Freitas, o Pe. Domingos de Azevedo Moreira, e Manuel R. Serra de Carvalho. Pelo lado galego, além dos Drs. Isidoro Millan Gonzalez-Pardo e Luís Monteagudo Garcia, é de justiça salientar o Doutor José Carro Otero, Prof. da Faculdade de Medicina de Santiago de Compostela, que tem sido um dos membros mais activos do Instituto.

V.M. – Sendo «Cultural», para só no âmbito intelectual, ou tenta aproximar os galaico-minhotos entre si?

J.M. – Este Instituto é essencialmente «Cultural». Privá-lo do cariz «cultural» seria destruí-lo. A investigação científica no âmbito das Ciências Humanas e os aspectos culturais constituem o pólo aglutinador dos seus sócios e colaboradores. Substituí-lo por qualquer outro factor – por exemplo de natureza política – conduziria à sua desagregação e ruína total. A valorização da componente cultural entre povos que têm raízes comuns constitui o mais forte e estável factor de aproximação. De momento, pensamos na Galiza, mas deveremos estender o olhar ao Brasil e a tantos outros povos relacionados com Portugal a que o princípio é aplicável.

Em relação ao caso de que agora se trata, não se pretende uma actividade intelectual num círculo restrito. E, na verdade, a influência do Instituto já ultrapassou os limites geográficos do Minho e da Galiza, como, aliás, está previsto nos *Estatutos*, e a crescente adesão de jovens investigadores provenientes das duas vertentes geográficas é a melhor garantia de aproximação entre eruditos e da continuidade deste projecto, que pretendemos partilhar com o povo. É nesse sentido que na estruturação destes Colóquios tem havido uma preocupação de descentralizar o lugar das sessões, realizando parte delas em cidades e localidades onde iniciativas culturais deste nível são mais raras. São passos lentos, é certo, mas firmes. Há diversos níveis culturais e não pretendemos aproximar os extremos de forma precipitada.

V.M. – Se for também uma aproximação entre povos, como conjugar a Cultura com o povo?

J.M. – Muitas formas de relacionamento e de irresistível convívio entre as populações fronteiriças so-

breviveram, não obstante a apertada vigilância imposta pelo poder político de tempos recentes ou de séculos passados. Na documentação agora acessível não faltam testemunhos da consciência que as populações tinham da necessidade e das vantagens recíprocas da mútua *vizinhança*, com reflexos benéficos no plano económico, na facilidade com que se estabeleciam fortes relações de amizade, fundadas, por vezes, em vínculos matrimoniais, e na circulação de elementos de natureza cultural e religiosa, difundidos também mercê da frequência de feiras, romarias, etc. Não há inconveniente em começar por alertar as populações para os níveis de cultura que lhes são mais próximos e em proceder ao seu confronto com outras, assinalando semelhanças e diferenças, quanto possível convenientemente explicadas. Aí está um aspecto em que a Cultura erudita pode prestar um serviço à Cultura popular, ajudando à sua compreensão e valorização, numa perspectiva de saudável confronto de culturas e aproximação dos povos, começando por aquilo que verdadeiramente lhes é comum, sem qualquer receio de que isso se processe no quadro actual da «Europa das regiões». A consciência da identidade cultural nos planos regional e nacional será o melhor estabilizador.

É também neste sentido que a actividade do Instituto Cultural Galaico-Minhoto e as temáticas aprofundadas nos Colóquios realizados se revelaram verdadeiramente pioneiras e a sua continuação indispensável no futuro.

V.M. – Somos raianos e, por isso, povos vizinhos galaico-minhotos. Pergunto: – Como pode essa actividade Cultural estender-se a Melgaço, e concretizar-se localmente?

J.M. – A resposta a esta pergunta ajudará a complementar a anterior e a fazer, de modo mais acessível, a articulação entre os resultados mais abstractos da pesquisa científica histórico-cultural e a sua transmissão concreta, através da correcta valorização da história local e regional, mesmo quando situada numa zona de fronteira como é a nossa. Os *Estatutos* traçam com muita clareza os objectivos deste Instituto, atrás citados, prevêm a possibilidade da organização de *secções* de trabalho e da realização de acções, que poderemos designar de extensão ou difusão cultural. Foi a pensar na possibilidade de futuras iniciativas neste domínio que convidámos para os actos principais do V Colóquio Galaico-Minhoto todos os Presidentes das Câmaras Municipais dos Distritos de Braga e de Viana do Castelo. A partir desta base, poder-se-ão desenvolver iniciativas culturais abertas a todos os interessados incluindo os professores e os alunos dos anos mais adiantados das Escolas Secundárias, onde elas se concretizarem. Não impomos nada. Teremos de contar com o interesse dos poderes locais e das instituições de ensino e culturais aí existentes.

A Galiza e o Minho

Um tema para três poetas

Vendo-os assim tão pertinho
a Galiza mailo Minho
são como dois namorados
que o rio traz separados
quasi desde o nascimento.
Deixa-os pois namorar
já que os pais para casar
lhes não dão consentimentos.

João Verde

Si Dios os fixos de cote
um pra outro e tenen dote
em terras emparexadas
pol, a mesma auga regada
com ou sim consentimento
dos pais o tempo ha chegar
em que teñam de pensar
em facer o casamento.

D. Amadeu Saavedra. (esp.)

Suspirava o triste Minho
nas noites de doce briza
correndo muito mansinho
junto da sua Galiza.

Fiel a tão grande amor
a Galiza soluçava
sentindo no peito a dôr
do Minho que tanto amava.

E viviam separados
pedaços de dois países
que quer um quer outro lado
tinha as mesmas raízes

E depois de viverem tantos anos
em perfeita e amorosa
mancebia
deixaram os seus pais de ser tiranos
e do casamento enfim chegou
o dia.

E então o Minho decide
sua Galiza beijar,
Começa o beijo em Cevide (a)
E só acaba no mar.

Augusto Igrejas

(a) Cevide, a primeira terra portuguesa a ser banhada pelo Minho

Melgaço

Melgaço onde estais, Melgaço onde estás?

– Dos Bombeiros não tenho noticia, mas sei que a serra ardeu!...
– Do Melgacense não há novidades, mas todas as 2^{as} feiras vou saber o resultado no jornal Record (passe a publicidade)!...
– Do Alvarinho, só encontro no Hiper e da Adegas Cooperativa de Monção!...
– Águas, só das Pedras, embora o nome da empresa seja VMPS (M de Melgaço)!...

Melgaço está morto?

Melgaço não existe?

Será possível que não haja ninguém em Melgaço, capaz de pegar numa esferográfica e escrever meia dúzia de linhas e dizer que Melgaço está vivo? Será possível que o jornal de Melgaço só nos diga o que se passa a nível da Câmara Municipal pela voz da oposição?

Passo meses sem ver a minha terra, e sempre que chego levo o coração nas mãos. Tenho a cabeça cheia do que li, imagino catástrofes, a Câmara não funciona, o Presidente é o Partido, só pensa no Partido, etc., etc.

Chego a Melgaço, e...

Melgaço não é isso, Melgaço progrediu, Melgaço cresceu, e eu pergunto:

– Porque é que eu, em Queluz, não sei qual é o Melgaço de hoje?
– Porque é que ninguém discute o Melgaço de hoje?
– Porque é que não existe uma relação directa entre a Câmara e o jornal? Não existe um jornalista, «correspondente» para tal? – Arranjem-no!
Não existe na Câmara um «porta-voz» para falar no jornal? – Arranjem-no!
Nós não queremos ficar na ignorância!

Quem não fica satisfeito ao chegar à nossa terra e ver todas aquelas obras: a Avenida, os Bombeiros, as Piscinas, a recuperação da Vila Velha, sem falar do projecto do Monte do Prado (eu acredito nele!)?

Nós queremos saber tudo em primeira mão, não queremos só os factos consumados, queremos saber dos caboucos, quando o telhado é coberto, porque o que está em causa é a nossa Terra.

A «Voz de Melgaço» é a «Voz de Melgaço».

A Câmara de Melgaço é a Câmara de Melgaço.

Nós que estamos fora, somos «Câmara» e «Voz» e o que pedimos é que o jornal nos informe e a Câmara passe a informação.

Será que é assim tão difícil?

Um jornalista e um porta-voz serão aves raras na nossa terra? Não acredito!
Um abraço a todos.

Carriço

Para o Seminário Diocesano

Está em construção o Seminário da nossa Diocese de Viana do Castelo, o qual só se poderá erguer e acabar com a generosidade dos fiéis.

De Melgaço foram enviados, ultimamente, estes donativos: P.º

António de Jesus Rodrigues, 30.000\$00; Paróquia da Vila mais 60.000\$00, a acrescentar aos 553.200\$00, que já tinha enviado; e a Paróquia de Prado, mais 20.000\$00; a acrescentar aos 2.110.000\$00, que já enviara.

Forais Melgacenses

(Continuação)

Nada fazia prever (quando em 1223 morre Afonso II, subindo então ao trono seu filho Sancho II), que Afonso algum dia viesse a ser rei. Ele próprio não acreditava nessa possibilidade. Por isso, em 1227, quatro anos depois de seu irmão se tornar monarca, parte para França onde casa (1245) com a condessa Matilde de Bolonha, senhora de muito prestígio. Matilde, por razões que eu desconheço, não acompanhou seu marido quando este veio assumir o poder em Portugal. Razões de Estado? Razões de coração? Não sei! Esta nobre senhora faleceu em 1261, já «divorciada» de Afonso III, rei de Portugal e Conde de Bolonha!

Foi o Papa Inocêncio IV, em 1245, a pedido dos prelados e de alguns nobres portugueses, quem nomeou Afonso «defensor do reino de Portugal», enquanto seu irmão fosse vivo — (Sancho II seria desterrado para Toledo, onde faleceu no ano de 1248).

Afonso III casou novamente (encontrando-se ainda viva a sua primeira mulher), com Beatriz, filha de Afonso X, o Sábio, rei de Leão e Castela, na cidade de Chaves, em 1253.

A bolonesa não lhe tinha dado filhos; a castelhana, porém, deu-lhe sete! Além destes, o pai de D. Dinis ainda conseguiu arranjar mais dez ilegítimos!

Depois de terminada a guerra civil, provocada por esta estranha sucessão, Afonso III virou-se para a administração do território. Promoveu novas inquirições «que deviam julgar da justiça dos títulos de posse e privilégios, padroados, coutos (...), a fim de evitar apropriações abusivas». É neste espírito de organização e actualização que surge o novo foral dado a Melgaço no ano de 1258.

2º FORAL EM NOME DE CRISTO E POR SUA GRAÇA

Seja conhecido de todos, tanto coevos como futuros, que eu, Afonso, por graça de Deus Rei de Portugal e Conde de Bolonha, juntamente com a minha esposa e Rainha D. Beatriz, filha do ilustre rei de Castela e de Leão, faço carta de foro a vós, povoadores presentes e futuros de Melgaço. Dou-vos e concedo-vos a minha vila de Melgaço para a povoarem para foro. E mando que sejais na dita vila trezentos e cinquenta povoadores. E vós, e todos os vossos sucessores, dar-me-eis, e aos meus sucessores, anualmente, 350 morabitinos velhos (1), três vezes ao ano, por todos os direitos, foros e coimas que adiante vão descritas.

E haveis de receber na mesma vila o meu rico-homem (2) que tiver essa terra e aí gaste os seus dinheiros, e não vos faça nenhum mal nem força, nem vos tire seja o que for contra a vossa vontade.

Eu próprio nomearei alcaide que me preste menagem do meu castelo. E o alcaide em pessoa deve guardá-lo e não vos fazer mal ou força, e não se intrometer nos assuntos da vossa vila e concelho, a não ser para aquilo que o quiserdes chamar.

E tende a vila de Melgaço com todos os seus limites, divisões novas e antigas, por onde o puderdes melhor encontrar de direito.

E em todas as outras coisas, para além do que acima está escrito, dou-vos o foral de Monção, como segue:

Em primeiro lugar, concedo-vos que não deis por homicídio senão 300 soldos de coima, e desses dai deles a sétima parte ao paço por mão do juiz. E em qualquer pleito, ou crimes que exijam reparação, não entre o meu

meirinho (3), a não ser como juiz do vosso concelho. E a terceira parte do vosso concelho faça fossado (4), e as outras duas partes permaneçam na vossa vila. E daquela terceira parte que deverá fazer o fossado, aquele que não se apresente pague, para o esforço de guerra, 5 soldos de coima. E não façais fossado senão com o vosso senhor, uma só vez por ano, a não ser que seja por vossa vontade. Os clérigos e os peões (5) não façam fossado. E não entrem aí mensageiro nem bens de qualquer homem de Melgaço.

E quem, no termo de Melgaço, raptar filha alheia contra sua vontade, pague ao paço 300 soldos e seja expatriado como se fora homicida.

E se alguém de entre vós ferir com premeditação na feira, na igreja, ou no concelho, o seu vizinho, pague 60 soldos ao Concelho, sendo a sétima parte para o paço por mão do juiz.

E de qualquer furto, o dono da coisa furtada receba o seu cabedal e das outras oito partes dê ao juiz metade. (6)

E aquele que fizer uma casa, ou honrar a sua vinha e herdade, e nela residir durante um ano, se depois quiser habitar noutra terra, os seus bens continuarão a pertencer-lhe onde quer que ele habite. E se quiser vendê-los, vendados pelo foro da vossa vila a quem quiser.

E os homens de Melgaço que tiverem de fazer juízo ou ajuntamento com homens de outras terras façam-no nos limites dos seus termos.

Dou-vos por foro que o cavaleiro (7) de Melgaço seja havido por infanção (8) de todo o meu reino em juízo e em juramento e isso vinque com dois censores (9); e o peão seja havido como cavaleiro vilão de todas as minhas terras em juízo e em juramento e vinque isso com dois censores.

E os homens que das suas terras tiverem de sair por homicídio ou por rapto de mulher, ou por qualquer outra calúnia (10) (excepto se trouxerem a mulher de outrem, no estado de casada), e se se fizerem vassallos de algum homem de Melgaço, sejam livres e defendidos pelo foral de Melgaço.

E se um homem de qualquer outra terra vier com inimidade ou com penhora, depois de ter entrado no termo de Melgaço, se o seu inimigo entrar depois dele e lhe tirar o penhor ou lhe fizer algum mal, pague ao senhor que tiver posse de Melgaço 500 soldos e duplique o penhor àquele a quem o tiver tirado e repare os agravos que lhe tenha feito.

E quem penhorar um homem de Melgaço, e antes não o tiver solicitado à vossa assembleia, pague ao paço 60 soldos e duplique a penhora àquele que a tiver sofrido.

E homem de outra terra que descavalgar cavaleiro de Melgaço pague 60 soldos; e homem de Melgaço que descavalgar cavaleiro de outra terra pague 5 soldos.

E se homem de outra terra prender homem de Melgaço e o puser na prisão pague 300 soldos; e se homem de Melgaço prender homem de outra terra pague 5 soldos.

E se homem de Melgaço, por qualquer fiança, não for citado durante meio ano, a mesma caduque; e se entretanto morrer, a mulher e os filhos dela fiquem livres.

E os homens de Melgaço não paguem pela penhora nem para o senhor da terra, nem para o meirinho, nem sejam penhorados pelo seu vizinho.

Nem os cavaleiros de Melgaço, nem as mulheres viúvas, dêem pouxada pelo foro de Melgaço, a não ser os

peões, por indicação do juiz, até ao terceiro dia.

E os homens de vossos termos, ou de outras terras, que se instalem em vossas propriedades, ou em vossos solares, quando vós aí não estiverdes, venham os mesmos por ordem do juiz e dêem fiadores residentes que possam responder perante a lei quando regressarem os legítimos proprietários. E se fizerem calúnia, paguem-na aos seus senhores e a sétima parte ao palácio. E não sirvam senão aos senhores em cujos solares vivem.

E as searas e as vinhas do rei tenham igual foro ao que têm as vossas searas e vinhas.

Aquele que matar o seu vizinho e se refugiar em sua casa, quem entrar atrás dele e aí o matar, pague 300 soldos.

E quem uma mulher forçar, e a própria se puser a gritar (não aceitando o acto), se o violador por meio da lei (Lei das XII Tábuas), (11) não se puder salvar, pague 300 soldos.

E quem bater em mulher alheia, pague ao seu marido 30 soldos e a sétima parte ao paço.

E o homem de Melgaço que queira dar fiadores por intenção daquilo que o inquietar, e tiver dado dois fiadores, e ele próprio ser o terceiro, se aquele que é o motivo da sua inquietação não quiser aceitar os fiadores, e posteriormente o matar, todo o concelho pague o homicídio aos seus parentes.

E o paço do senhor rei e o paço do senhor bispo tenham coima (12).

E toda a vila tenha um único foro (13).

E o homem de Melgaço que entrar com um fiador, se aquele que desrespeitou não o libertar qual tenha feito a fiança, tal pague. E se tiver para com ele uma atitude de ameaça, despreze-o, e saia ele próprio da fiança.

E da suspeita de 10 soldos pelo menos, jure com um vizinho apenas; e de 10 soldos para cima, jure com dois vizinhos.

E homem de Melgaço que queira ir para outro senhor, para que este o beneficie, a sua mulher e os seus filhos sejam livres e a sua casa e os seus bens desonerados, pelo foro de Melgaço.

Dou-vos também por foro que não tenhais outro senhor, a não ser a mim, rei, minha mulher e os nossos filhos.

E homem de Melgaço que tiver mulher legítima, se a abandonar pague um denário ao juiz; se a mulher casada abandonar seu marido pague 300 soldos: metade para o marido e metade para o paço (14).

E quem destruir uma casa com lanças e escudos, da porta a dentro, pague 300 soldos, metade ao dono da própria casa e metade para o paço.

E quem ferir o seu vizinho com a espada, pague 40 soldos e a sétima parte para o paço.

E quem ferir o seu vizinho com a lança e sair de uma parte para outra, pague 20 soldos e a sétima parte para o paço; e se não sair para outra parte, pague 10 soldos. E da chaga onde os ossos fiquem à mostra, por cada um deles pague 10 soldos e a sétima parte para o paço; e de outra qualquer chaga pague 5 soldos e a sétima parte para o paço.

E por toda a penhora, quer seja do paço, quer do concelho, recebam o fiador de acordo com este foral.

E mando que não haja defesa, nem monte, nem cursos de água, que não sejam de todo o concelho. E nenhum receba montado de gados de Melgaço.

E os homens de Melgaço não dêem portagem em todo o meu reino. E mando que aceitem portagem em Melgaço, a

saber: por carga de peão, três mealhas (15); de cavalo, um soldo; de mulo, um soldo; de boi, seis denários. E de toda a mercadoria que vier a Melgaço para ser vendida, o hospedeiro onde a mesma passar tenha a terceira parte da portagem e o porteiro receba duas partes.

E o vizinho de Melgaço não responda sem o queixoso.

Os juizes e alcaides da vossa vila julguem todas estas disposições pela sua carta-foral, e as outras sejam julgadas pelo arbítrio dos homens-bons. (16)

E eu, acima designado rei de Portugal e conde de Bolonha, juntamente com minha esposa, rainha D. Beatriz, filha do ilustre rei de Castela e Leão, dou e concedo a vós, sobreditos povoadores de Melgaço, que por portagem, calúnias, foros e por todas as minhas rendas e direituras (17) já mencionadas para essa

vila de Melgaço, deis vós e todos os vosso descendentes, a mim e a todos os meus sucessores, cada ano, os citados 350 morabitinos velhos, três vezes ao ano, e dai-os fora da vila de Melgaço.

E recebei em vossa vila o meu rico-homem que tiver essa terra assim como já foi dito.

E nem o rico-homem, nem o alcaide que de mim tiver o castelo de Melgaço, vos façam, na vossa vila, nem em vossos termos, mal ou força, nem tortura, nem apanhem aí seja o que for daquilo que vos pertence, contra vossa vontade, mas gastem aí os seus dinheiros quando aí forem ou estiverem.

Em testemunho disto, dou-vos esta minha carta aberta.

Dado em Bragança 3º dia das calendas de Maio, por mandato régio. Era de 1296.

D. Gonçalo Garcia, alferes da corte (18)	Confirmante
D. Gil Martins, mordomo da corte (19)	"
D. Martinho Afonso, senhor de Bragança	"
D. André Fernandes, senhor de Riba Minho	"
D. Afonso Lobo, senhor de Sousa	"
D. Diogo Lobo, senhor de Lamego	"
D. Pedro Pôncio, senhor de Baião	"
Martinho Gil, senhor de (Transeram) (29)	"
Gonçalo Mendes, senhor de Panoias	"
D. Martinho, arcebispo de Braga	"
D. Aires, bispo de Lisboa	"
D. Egas, Bispo de Coimbra	"
D. Julião, bispo do Porto	"
D. Rodrigo, bispo da Guarda	"
D. Martinho, bispo de Évora	"
D. Mateus, eleito de Viseu	"
(A Igreja de Lamego encontrava-se vaga)	
Estêvão Anes, chanceler da corte	Confirmante
D. Mem Soares (de Melo?)	Testemunha
João Coelho	"
Pedro Martins Petarino	"
Rodrigo Peres, juiz superior	"
Lobo Rodrigues, vice-mordomo	"
João Fernandes, vice-chanceler	"
Domingos Peres, notário da Cúria, o escreveu.	

NOTAS

1 - Antiga moeda em ouro de origem árabe. Também era conhecida por maravedi.

2 - Ricos-homens: «fidalgos de linhagem, detentores de altos cargos públicos e possuidores de vastas terras onde exerciam jurisdição. Eram chamados senhores de pendão e caldeira.»

3 - Meirinho: delegado do rei Tinha o encargo de inspeccionar a administração local.

4 - Fossado: guerra contra os moiros.

5 - Os peões, na sua maioria camponeses, tornavam-se necessários à produção de bens agrícolas; daí serem dispensados da guerra.

6 - Suponho que seria para cobrir as despesas com a investigação e a captura do ladrão.

7 - Cavaleiro: fidalgo, pertencente à pequena nobreza.

8 - Infanção: nobre de linhagem, mas não revestido de qualquer magistratura.

9 - Censor: funcionário público.

10 - Calúnia ou peita: compreendia as penas pecuniárias, coimas ou multas, aplicadas por delitos.

11 - No antigo direito romano a mulher era considerada incapaz juridicamente. Estava normalmente submetida ao poder do avô, do pai ou do marido. Portanto, se ele, o violador, conseguisse arranjar na lei uma cláusula que o livrasse, (o que não era difícil talvez), ver-se-ia ilibado; de contrário, teria de pagar à vítima uma indemnização. Desde Afonso Henriques até ao séc. XIII vigorou em Portugal o Código Visigótico; a partir daí adoptaram-se as leis romanas, cuja fonte é a famosa Lei das XII Tábuas. Esta Lei desapareceu em 390 a.C., segundo Tito Lívio, mas foi posteriormente reconstituída. Este foral foi sem dúvida redigido por um romanista.

12 - Isto é: das multas aplicadas, uma parte seria para o rei e outra parte para a Igreja.

13 - Quer dizer: todos, sem excepção, ficarão sujeitos a esta lei.

14 - É flagrante a desigualdade entre o homem e a mulher. Ele pagava uma multa simbólica; ela pagava 3600 vezes mais!

15 - Mealha: moeda que valia metade de um denário.

16 - Os homens-bons eram os proprietários que formavam o Concilium, ou seja: a Assembleia Municipal. Chefes de famílias ricas e consideradas. Pessoas «honradas» e com capacidade política.

17 - Direituras: pensões miúdas.

18 - Alferes: comandante do exército.

19 - Mordomo: chefe da administração civil.

20 - Existia nessa altura um Martim Gil, de Arões. Será ele?

Seguir-se-á o foral dado a Melgaço por D. Manuel I.

Saudações amigas a todos os melgacenses.

O cónego António Luis Vaz, Académico de Mérito, da Academia Portuguesa da História



O cónego Vaz é cumprimentado pelo Arcebispo Primaz

Braga, pelo Cabido Metropolitano e Primacial de Braga e pela Academia Portuguesa da História. Aberta a sessão, pela Presidência da Mesa, o primeiro orador foi o Arcebispo Primaz, que saudou o homenageado e se referiu à liturgia bracarense, seguindo-se-lhe no mesmo rumo o Deão da Catedral, que ainda se referiu à necessidade do estudo e ao aproveitamento da liturgia de Braga para a evangelização.

Finda esta intervenção, o Presidente da Academia e Presidente da Mesa fez a entrega do di-

ploma de académico ao cónego Luis Vaz e impôs-lhe o colar.

Seguiu-se o cónego António Luis Vaz, o qual proferiu um discurso académico em que assinalou

três momentos fundamentais da Liturgia Bracarense: a sua origem secular, o ressurgimento já em pleno século XX com o grande Arcebispo D. Manuel Vieira de Matos, e o rito face ao Concílio Vaticano II e à observância das determinações conciliares sobre a Liturgia. Neste ter-

ceiro momento do seu discurso historiou as posições de Braga perante as orientações dos Papas.

O Presidente da Academia encerrou a sessão com um discurso de fundo histórico. Recordou os membros do Cabido de Braga sócios da Academia Portuguesa da História e enalteceu a Braga católica, ou seja, a sua Catedral e o seu Cabido, no serviço notável prestado, desde há séculos, à cultura e à evangelização.

Na assistência, que encheu, por completo, a «Aula Capitularis da Catedral» encontravam-se: Cabido, professores universitários, autoridades civis,stituto, militares e muitos amigos pessoais do cónego Luis Vaz.



Assistência



O cónego Vaz a discursar



Assistência

Pela Câmara Municipal O Presidente da Câmara diz o que não faz

O Presidente da C.M. diz que a sua gestão é transparente. Numa das últimas reuniões os vereadores do P.S.D. pediram, mais uma vez, que lhes fosse fornecido um balanço onde constasse claramente a situação financeira da Câmara e nomeadamente o montante que neste momento está em dívida a todas as entidades (prestadoras de serviços e outras). Mais uma vez o Sr. Presidente se escondeu e tem medo de revelar a situação financeira da Câmara!...

Por que teme o Sr. Presidente? Será que as dívidas são muito maiores do que o que consta na praça pública?

— Será que tem medo que os melgacenses saibam a verdade e ajam em

conformidade?

— Será que tem medo de revelar a sua gestão catastrófica?

Para o Sr. Presidente, esconder as informações pedidas, o mais que pode, dos vereadores da oposição e dos melgacenses é transparente!...

A propósito: Por que razão o Sr. Presidente não inclui as dívidas no último orçamento?

Certamente por transparência!...

Numa das últimas reuniões admitiu que deve a fornecedores serviços prestados há mais de dois anos, mas isso, diz ele, não tem importância pois se os fornecedores precisassem do dinheiro teriam ido falar com ele e tudo se resolveria.

Mais uma vez o Sr. Presidente esconde a verdade: os fornecedores falam

com ele e ele não paga. Pelos vistos até parece que a Câmara tem dinheiro, mas quem não vai ao «beija mão» do Presidente não recebe. Como se chama a isto?

A maioria socialista deliberou oferecer mil contos, não do bolso deles, mas do dinheiro de todos os melgacenses, aos trabalhadores da Câmara e seus familiares para fazerem a festa de Natal e comprarem prendas para os seus filhos. Por que razão?

Quem quiser que descubra.

Para ajudar a descobrir informa-se que são 281 (duzentos e oitenta e um) os trabalhadores mais os familiares. Já fizeram as contas? É assim que se obtém maiorias confortáveis!...

Os vereadores do P.S.D.

Albertino José Ribeiro Gonçalves

DOCTOR EM SOCIOLOGIA

O Licenciado Albertino José Ribeiro Gonçalves prestou provas de doutoramento em Sociologia, na Universidade do Minho, tendo obtido a classificação máxima: **Aprovado por unanimidade com distinção e louvor.**

A dissertação intitula-se: **A Definição Social dos Emigrantes no Noroeste de Portugal — Imagens e Clivagens.**

O júri foi constituído pelo Vice-Reitor da Universidade do Minho Vítor Aguiar e Silva e por Abílio Lima de Carvalho, da Universidade do Minho, Maria Beatriz da Rocha Trindade, da Universidade Aberta, que arguiu, Manuel Villaverde Cabral, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Jorge Carvalho Arrosteia, da Universidade de Aveiro, Ernesto Valério de Figueiredo, Manuel da Silva e Costa e Maria Engrácia Leandro, todos da Universidade do Minho.

O tema da dissertação foi considerado pioneiro e inserido numa época e num tempo, isto é, um

tema oportuno e inovador. O seu discurso também foi enaltecido. Utiliza um discurso plural, com vários centros, várias zonas de sentido, onde o valor, o sentido, o ritmo e os sons das palavras permitem uma leitura agradável e suscitam o interesse e o prazer do leitor, o que é um valor acrescentado em trabalhos de investigação.

Os emigrantes aparecem, neste trabalho, como um estímulo e não como um objecto de estudo. É através deles que o Dr. Albertino, aluno da escola francesa, vai buscar dados sociológicos para entender o que somos, isto é, vai procurar estudar Portugal país de duas facetas: os que estão cá e os que estão lá fora.

Melgaço deve sentir-se orgulhoso, não só pelo seu filho Doutor, mas também porque este trabalho de investigação faz uma interpretação do nosso concelho.

Manuel António Esteves

P.S. O Jornal Notícias de Melgaço e o Jornal A Voz de Melgaço serviram, também, como documentos subsidiários do estudo. De salientar um artigo de **Zé do Rio Minho** de 15/6/91.

Bons Amigos

Quiseram pagar adiantadamente a assinatura de 1995 e até, alguns, anos posteriores, fazendo-o ainda como amigos e enviando-nos Boas Festas, e que muito agradecemos, os seguintes assinantes:

- Dr. Sílvio da Boa Nova Pires — Amadora
- João Manuel Domingues Afonso — S. João da Talha
- Dr. Miguel Ângelo Barros Ferreira — S. Paulo — Brasil
- Manuel Augusto Afonso e família — S. Paulo — Brasil
- Dr. António José Ribeiro Domingues — Porto
- Manuel Calheiros Fernandes — Porto
- António Abel Douteiro — Braga
- Manuel José Mota Solheiro — Lisboa

AGRADECIMENTOS

Maria das Valas
— Melgaço

A família de Maria das Valas, de Melgaço, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que lhe apresentaram sentimentos de condolência por ocasião do falecimento da saudosa extinta, e ainda de maneira especial a todos quantos participaram nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.
Funerária Mira

Carmina da Conceição Ferreira
— Sante

A família de Carmina da Conceição Ferreira vem por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor e luto, estando presentes, apresentando sentimentos de condolência e incorporando-se nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.
Funerária Mira

Homens de pouca Fé!

Homens de pouca fé! Vamos passar
Naquela gruta em B'lem um só momento
Onde Jesus vai ter seu Nascimento
P'ra todos!... Todos!... Todos! Ensinar!!

Vamos, pois, receber o Ensino
Que o Menino nos dá! Vamos orar...!
Aos povos quer também, Ele a paz dar...
E entre todos haver entendimento!

Ó Vós grandes da Terra! Que fazeis?!
Paraí as vossas lutas e deixai
Sossegar os soldados nos quartéis!

Viver os inocentes — Sim! — deixai...!
Que vossos homens façam novas leis
P'ra termos um Natal sem qualquer ai!!!

José Serrano

TRIBUNAL JUDICIAL DE MELGAÇO

ANÚNCIO 1ª Publicação

FAZ SABER que por este Tribunal Judicial, correm éditos de VINTE DIAS os credores desconhecidos da executada ANÚNCIO, CITAN-DO D. DOMINGUEZ MENDEZ, residente em Corujos, Padreira 13 Bajo, Vigo, Padrenda, Espanha, para no prazo de DEZ DIAS, posterior ao dos éditos, reclamarem os seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na Execução Por Custas nº 35-D/93, movida pelo Ministério Público nesta comarca de Melgaço, nos termos do artº 864º do C.P.C.

Melgaço, 1994/11/24

A Juíza de Direito, *Lígia Maria da Nova Araújo Sá Trovão*
O Escrivão Adjunto, *Marcos Domingues*

TRIBUNAL JUDICIAL DE MELGAÇO

ANÚNCIO 1ª Publicação

FAZ SABER que nos autos de Processo Comum Nº 59/94, que o Mº Pº SABER move contra o arguido CARLOS ALBERTO ESTEVES, casado, bancário, nascido a 16/12/1942, na freguesia de Cristóval, Melgaço, filho de Manuel José Esteves e de Júlia de Jesus Pereira, portador do B.I. 2982744, emitido em 9/03/1979, pelo A.I. de Lisboa, actualmente em parte incerta e com última residência conhecida em Sobreiro, Cristóval, Melgaço, ao qual lhe é imputado um crime de cheque sem provisão p. e p. pelas referências conjugas dos arts 11º nº1 al. a), do DL 454/91 de 28/12 com referência aos arts 313º e 314º al. c) do C. Penal, por despacho de 05/12/94 foi o arguido declarado CONTUMAZ, com os efeitos referidos no nº 1 do artº 337º do C.P.P., declaração que implica a anulação dos negócios jurídicos de natureza patrimonial celebrados pelo arguido após esta declaração e ainda, nos termos do nº 3 deste último preceito, a proibição decretada do mesmo obter documentos, certidões ou registos junto de autoridades públicas.

Melgaço, 1994/12/07

A Juíza de Direito, *Lígia Maria da Nova Araújo Sá Trovão*
Escrivão Adjunto, *Victor Roquinho*

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 15/12/94

A cargo do Notário, Lic. António Gonçalves de Sousa.

CERTIFICO QUE, para efeitos de publicação, por escritura lavrada aos 27 de Novembro de 1994, exarada a fls. 29 e seguintes, do livro de Notas para Escrituras Diversas nº 48-C, deste Cartório, ANÍBAL AUGUSTO GONÇALVES MELEIRO e esposa ROSA JOAQUINA DE FREITAS, casados sob o regime da comunhão geral de bens, ele natural da freguesia de Rouças e ela natural da freguesia de São Paio, ambas deste concelho, residentes no lugar de Bouços, da freguesia da Prado, também deste concelho, fizeram as declarações constantes da fotocópia anexa que, com esta se compõe de 4 folhas.

Que, em relação aos imóveis constantes das verbas números três e quatro, são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, da seguinte forma:

Que os referidos imóveis não se encontram descritos na Conservatória do Registo Predial deste concelho.

Que não possuem qualquer título formal para registar tais imóveis naquela Conservatória, os quais totalizam QUARENTA MIL ESCUDOS.

Que, no entanto, sempre estiverem em causa, durante mais de vinte anos, detenção e fruição estas adquiridas e mantidas sem violência e exercidas sem interrupção, nem qualquer oposição ou ocultação, ou seja, de modo a poderem ser conhecidas por quem tivesse interesse em contrariá-las.

Que, tal posse, assim mantida e exercida o foi em nome e interesse próprios e traduziu-se nos factores materiais

conducentes ao integral aproveitamento dos imóveis em causa, nomeadamente, usufruindo-os e cultivando-os, pagando as respectivas contribuições e impostos.

Que, tal posse, por ter sido pacífica, pública, contínua e durante mais de vinte anos, facultou-lhes a aquisição por usucapião do direito de propriedade em causa.

E que, este direito, não é susceptível de ser comprovado por qualquer título formal.

VERBA NÚMERO TRÊS

PRÉDIO RÚSTICO denominado «UMA LEIRA», de cultivo, com a área de cento e vinte metros quadrados, sito no lugar de Bouça Nova, que confronta do norte e do sul com Armando de Sousa Lobato, do nascente com Estrada Camarária e do poente com José Gonçalves, inscrito na respectiva matriz sob o artigo quarenta e nove, com o valor patrimonial de seiscentos e cinco escudos e o valor atribuído de VINTE MIL ESCUDOS;

VERBA NÚMERO QUATRO

PRÉDIO RÚSTICO denominado «UMA LEIRA», de cultivo, com a área de cento e vinte metros quadrados, sito no lugar de Bouça Nova, que confronta do norte com rego de herdeiros, do sul com Aníbal Augusto Gonçalves, do nascente com Augusto Gonçalves, do poente com José Gonçalves, inscrito na respectiva matriz sob o artigo sessenta e quatro, com o valor patrimonial de mil e cinco e o valor atribuído de VINTE MIL ESCUDOS;

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.
CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO, 29 de Novembro de 1994.
O AJUDANTE, *Jorge Manuel Martins Rebelo*

noventa e quatro, de fls. 73, a fls. 74v, do Livro de Notas para Escrituras Diversas nº 119-B, deste Cartório, JOÃO JOAQUIM ALVES e esposa MARIA AMÉLIA FERNANDES RODRIGUES, casados sob o regime da comunhão geral de bens, naturais, ele da freguesia de Rouças, e ela da freguesia de S. Paio, ambas deste concelho, e ela da última habitualmente residentes no lugar de Cruzeiro, fizeram as declarações constantes da fotocópia anexa, que com esta se compõe de três folhas:

Que, são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, do seguinte bem imóvel:

PRÉDIO RÚSTICO denominado «MONTE DA BOAVISTA», de mato, sito no lugar de Boavista, da mencionada freguesia de Rouças, com a área de mil e quinhentos metros quadrados, a confrontar do norte com Salustiano Gonçalves, de sul com Vasco Joaquim Alves, de nascente com estrada municipal e de poente com caminho público, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 5370, com o valor patrimonial de sete mil setecentos e oitenta escudos e o atribuído de CEM MIL ESCUDOS.

Que o mencionado prédio não se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho, como se vê por uma certidão que arquivo.

Que, não dispõem de título formal para registar tal imóvel naquela Conservatória.

Que, no entanto, sempre estiveram em causa e fruição do prédio em causa durante mais de vinte anos, detenção e fruição estas adquiridas e mantidas sem violência e exercidas sem interrupção, nem qualquer oposição ou ocultação, ou seja, de modo a poderem ser conhecidas por quem tivesse interesse em contrariá-las.

Que, tal posse, assim mantida e exercida, o foi em nome e interesse próprios e traduziu-se nos factos materiais conducentes ao integral aproveitamento do prédio, nomeadamente, usufruindo-o e pagando as respectivas contribuições e impostos.

Que, tal posse, por ter sido pacífica, pública, contínua e durante mais de vinte anos, facultou-lhes a aquisição, por USUCAPIÃO, do direito de propriedade em causa.

E, que este direito, dada a sua natureza, não pode ser comprovado por qualquer título formal.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.
CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO, 30 de Novembro de 1994.
O NOTÁRIO, *António Gonçalves de Sousa*

Um Cantinho para os mais pequenos Um Conto de Natal

A Luizinha tinha quase sete anos, nascera no dia de Natal e nesse ano um facto importante marcaria o dia do seu aniversário. Seria o dia da sua primeira Comunhão.

Todas as tardes a mãe reservava meia hora para conversar e ela, para preparar para receber em seu coração o Jesus Divino.

Algumas semanas antes do Natal, a Luizinha foi à costureira para escolher o seu fato de Comunhão e, ao sair, a mãe disse-lhe: «Compreendes, meu amor, como deve estar branco e puro o teu coraçãozinho, para receber nosso Senhor, por isso vestirás também um fato branco, símbolo da pureza de coração que Ele espera de ti.

Não pensarás na beleza do vestido e sim em dar-lhe honra, nunca te envaidecendo.

Lembra-te que Jesus era pobre, quando nasceu em Belém e esforça-te por O compensares, com o teu coração cheio de amor».

Luizinha ficou pensativa e calada durante o caminho para as lojas, mas de repente agarrou-se ao braço da mãe e disse-lhe: «Minha Mãe, eu queria pedir-lhe uma coisa: «tinha o maior gosto em comprar um fato de Natal para uma menina pobre. De fato de Natal para uma menina pobre que faça também a 1ª Comunhão e eu queria empregar o meu dinheiro em dar-lhe o que ela precisasse para essa ocasião. O meu mealheiro deve estar quase cheio, porque o Pai no mês passado deixou-lhe para dentro bastante dinheiro».

A mãe apertou-lhe a mãozinha com grande ternura e no seu íntimo agradeceu a Deus a caridosa ideia da sua menina. «Concerta filha, vamos escolher,

as duas, o que tu quiseres. De certo encontramos uma criança da tua idade a quem farás feliz com a tua oferta».

Escolheu-se a fazenda, a mais parecida com a da Luizinha, até onde chegou o dinheiro, porque ela insistiu que o gastaria todo.

Seria difícil saber quem estava mais feliz com as compras desse dia, se a mãe se a filha.

Numa miserável água furtada vivia uma pobre viúva com a sua filhinha. Maria se chamava e tinha quase oito anos, mas mais parecia ter cinco.

É que muito pequena caíra de uma escada e ficara aleijada, mas era senhora de uma boa disposição que, embora sozinha, todo o dia acolhia a mãe no regresso do trabalho com uma alegria encantadora.

«Como passou a minha filhinha as longas horas desde manhã? Sentiu-se muito só sem a sua mãe?» perguntava-lhe, esta, na volta do trabalho.

«Não mãe, o tempo não me pareceu muito comprido. Hoje estive a pensar no Menino Jesus, e como Ele também ficaria só como eu, resolvi fazer-lhe companhia e contar-lhe a minha vida e dizer-lhe quanto desejo recebê-lo na Sagrada Comunhão, no dia de Natal.

Depois pedi-lhe que ajudasse a mãe a

comprar-me um fato decente e tenho a certeza que o Menino Jesus me vai ouvir».

No dia seguinte à compra dos fatos, a mãe da Luizinha saiu como de costume a visitar os seus pobres e perguntou-lhes se conheciam uma pequena preparada para a 1ª Comunhão.

«Conheço sim, minha senhora, disse uma mulherzinha, conheço a Mariazinha que vive nas águas furtadas deste prédio. Dia e noite ela reza para que possa ir comungar e asseguro-lhe que ela é bem merecedora da vossa caridade».

A Luiza foi, no dia seguinte, a correr procurar a pobre pequena e levou-lhe o vestido, dizendo-lhe que era presente do Menino Jesus.

No dia de Natal, ambas as crianças ajoelharam-se lado a lado à mesa da Comunhão e não se pode duvidar que o Divino Jesus entrou com igual gosto naqueles dois inocentes e puros coraçãozinhos. Moral deste conto: procurai, meus, pequenos leitores, fazer alguém feliz no próximo Natal (e sempre) pelo amor ao Divino Menino Jesus de Belém.

Um voto afectuoso de Santo Natal e um beijinho da vossa amiga

Inha

Exposição de Pintura

A Delegação de Turismo de Ponte de Lima fez um calendário de Exposições. No dia 7 deste mês de Dezembro inaugurou a Exposição de Pintura de Rafael. Rafael é um autodidacta limiano. A exposição só será encerrada em 2 de Janeiro de 1995.

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 15/12/94

A cargo do Notário, Licenciado António Gonçalves de Sousa:
CERTIFICO que no dia trinta e cinco de Novembro de mil novecentos e

Tribunal Judicial de Arcos de Valdevez

ANÚNCIO 2ª Publicação

A DOUTORA TERESA DO ROSÁRIO FERREIRA DE SOUSA, Meretíssima Juíza de Direito do Tribunal da comarca de ARCOS DE VALDEVEZ:

FAZ SABER que pela 2ª Secção deste Tribunal Judicial, correm éditos de Vinte Dias, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando os credores desconhecidos da executada DAVIMEL - SOCIEDADE DE EMPREITADAS E CONSTRUÇÕES, LDA., com sede na Avº Dr. António Durães, à vila e comarca de Melgaço, para, no prazo de Dez Dias posteriores à queles éditos, nos autos de Execução de Sentença para Pagamento de Quantia Certa nº 72/B/84, reclamarem o pagamento dos respectivos créditos pelo produto do bem penhorado (quota do valor nominal de 600.000\$00) a vender, pertencente àquela executada, desde que, gozem de garantia real sobre a mesma.

Arcos de Valdevez, 23 de Novembro de 1994
Juíza de Direito, *Teresa do Rosário Ferreira de Sousa*
O Oficial de Justiça, assinatura ilegível

Notícias do Rio de Janeiro

Por
MANUEL
IGREJAS

Eu gosto de comentar sobre o nosso jornal, vocês sabem disso; é a tal conversa familiar à volta da lareira agora no inverno para quem vive no hemisfério norte, que para nós, no hemisfério sul, é à borda da piscina saboreando gelados.

Tudo no nosso jornal é tema para conversa, inclusive os anúncios comerciais. Devem pensar que sou um sujeito «morrinha» que não tenho o que fazer ou com o que me preocupar. Pensam, não o dizem porque me consideram um bem intencionado... Pois saibam que tenho bastante o que fazer e quando o não tenho profissionalmente invento-o. Também tenho algumas preocupações, mas, sobretudo, vocês tem razão, sou realmente um «morrinha». Dou-me ao cuidado de contar e analisar todos os anúncios inseridos no jornal. E cada vez que uma nova propaganda aparece eu fico feliz. É sinal que o nosso quinzenário cresce em categoria e credibilidade. Nos últimos números vem mantendo uma média de quarenta reclames, fora as comunicações sociais e Editais; já chegou a incluir 48, alguns de página inteira. Ora, isso é esplêndido.

Ao contrário de um leitor que reclamou certa vez chamando-o de jornal publicitário, para mim os anúncios são noticiário. Através deles fico sabendo o que o Alfredo do Paço esqueceu de contar. Por exemplo: temos agora na vila, na Feira Nova, a Adega Regional Sabino. Este nome será homenagem ao antigo Sabino que nos anos trinta tinha uma mercearia naquele logradouro? Espero que sim. Foi um homem trabalhador e respeitado que lamentavelmente terminou com gesto tresloucado.

Também a distribuidora de Vinho do Porto, Barros, em Melgaço, passou a ser gerida pela Carol. A Biti resolveu aposentar-se e passou o negócio para a filha. Estou especulando baseado nos nomes do anúncio. Durante muito tempo a Beatriz Augusta Ribeiro Lima assumiu aquela representação iniciada por seu marido, o famoso Vasco. Agora lê-se, Maria Carolina R.L.A. Dias de Castro. As três iniciais devem querer dizer, Ribeiro Lima Almeida, o Dias de Castro é novidade para mim. Vejam só quanta matéria tirei de dois anúncios. Além disso, pela propaganda ficamos sabendo que na nossa vila existem actualmente firmas dos mais variados ramos comerciais, técnicos e de serviços, coisa que há vinte anos seria absurdo pensar poder vir a existir. Até Boutique de Flores e duas Funerárias a quem desejo fracos negócios. Porém, para tristeza nossa, não se verifica um único anúncio de produção...

O Luís António Lourenço, do Pêso, telefonou-me no domingo, 20 de Novembro, lá da sua Manaus. Quería saber como nós estávamos passando aqui no Rio e ao mesmo tempo dar-nos as suas impressões da visita à nossa terra no último verão. Ele, a esposa Maria Carmen e os filhos Luís e Carmen Inês usufruíram tudo de bom que Portugal proporciona, especialmente Melgaço.

Assistiu à Festa da Cultura que achou bonita mas repetitiva. Muitas exposições de artistas não melgacenses. O que houve de novo este ano, a Feira Medieval, lamentavelmente ele não viu. Fazia três anos que não visitava a terra e nesse intervalo o progresso no sector de construções e aprimoramento das artérias, foi notável, na vila. E só na vila, frisou ele. Entretanto fez uma observação: acha que tudo o que a Municipalidade vem fazendo tem um sentido faraônico. Uma grandiosidade nada condizente com as necessidades da escassa população. Mas,

enfim, arrematou ele: o pessoal que vive na terra é que sabe o que lhe convém. Um abraço ao amigo Luís.

* * *

Também o Armando Lima tirou-se de sua ociosidade, em Campo Grande, Matogrosso do Sul, e telefonou-me. O motivo era o mesmo: saber de nós e reclamar, que eu no jornal só falo de meia dúzia de melgacenses que moram aqui perto. É verdade, Armando, mas agora estou a falar de ti. Vem para mais perto. A conversa animou e falamos da terra, a nossa terra de há 40 anos atrás. Ele lembrou peripécias do contrabando de quando trabalhava na Loja Nova. São histórias que qualquer dia ponho no papel.

Está empolgado, super-feliz com o sucesso da filha Maria Lúcia. Os produtos «Plutonic», confecção de roupas que a Lúcia e o marido Valdir montaram, estão tendo grande aceitação. Pensam em aumentar a produção para atender a exigente clientela que vem aumentando.

Nem tudo são rosas na vida; para atrapalhar, a Elida, esposa do Armando, esteve na «salgadeira» cinco meses com um tornozelo quebrado. Foi assim: regressava da missa, em Junho último, quando num cruzamento um motorista transgressor avançou o sinal e albralou o carro da nossa amiga. Escoriações pelo corpo e o pé quebrado. Só agora começa a andar graças à fisioterapia. A Fabiane e a Maiara, as pimentinhas que elegam a vida daquela família, acharam o maior sacrifício a avó por tanto tempo fazer aquilo que só a elas mandavam fazer: ficar quietas...

O Armando disse estar aborrecido com os irmãos que não se dignam mandar-lhe duas letras. De represália, agora no Natal vai-lhes escrever. Para atenuar a ira do Armando, ponderei que os irmãos devem andar muito ocupados, principalmente o Manuel, aí na terra, que além de administrar a Santa Casa de Misericórdia tem de atender diariamente aos compromissos com os parceiros, na Suéca...

Um grande abraço, amigo.

* * *

De ânimo abalado, nosso contacto com os conterrâneos destas bandas durante o ano, foi quase nulo. Como, porém, me impus promover a fraternidade melgacense, para saber como o pessoal vai passando, fiz um giro telefónico com os amigos cadastrados. Existem outros que até hoje não consegui localizar.

Pois bem, a situação da turma é a seguinte:

O António Veloso, da Portela, Chaviães, submeteu-se a mais uma intervenção cirúrgica para recuperar a vista esquerda. Faz um ano contei a vocês que teve problemas na visão. A recuperação tem sido lenta e sacrificiosa, mas, com a Graça de Deus, está-se normalizando. Já dirige automóvel e reassumiu todas as actividades nas suas empresas. A esposa, Maria Celeste, continua a namorada apaixonada de sempre e os filhos, Márcio, Marcelo e Marcos só lhes dão alegria. Vão optimamente nos estudos e o mais velho, o Márcio, além de estudar, trabalha com o pai numa das empresas. No arrebatamento dos seus 21 anos apaixonou-se e resolveu ficar noivo. Quer dizer: mais algum tempo e vamos ter festança de casamento.

O Veloso convidou-nos para um fim de semana em seu palacete de praia em Pedra de Guaratiba, um dos paradisíacos recantos deste Estado. Bela vivenda em centro de terreno na rua Surucú; em chegando à Praça dos Pescadores é a segunda rua à esquerda.

Deu-me conta, também, da instalação do novo bar em sua residência no Humaitá, em estilo inglês, onde predo-

minam as bebidas portuguesas com destaque para a bagaceira de Melgaço. O mobiliário do antigo bar transferiu-o para a casa de praia. Intimou-nos a inaugurar os dois. Manda abraços e votos de Feliz Natal para todos os familiares e amigos.

* * *

A Alzira Pires, de Sá, Paços, e o marido José da Cruz, estão na maior «lua-de-mel», lambusados de felicidade com as alegrias que lhes dão os filhos, Fátima, José e Carlos Augusto e os netos, Andrea Cristina, Victor Amadeu e Karina.

Gente do melhor quilate que agradece a Deus todas as dádivas que tem recebido em troca de seu fervor religioso.

A Alzira aproveita para mandar os melhores votos de Feliz Natal e carinhosos abraços a seus amigos e parentes. São eles: o pai, o grande Amadeu Pires que vai para 94 anos, no Esporão; a irmã Alice e o marido José que tão carinhosamente cuidam do pai; à irmã Olinda e o cunhado António Esteves, aí na vila, e os filhos destes, os sobrinhos Jorge e Felipe, a irmã Júlia, em Chaviães, e os filhos desta, Lizete, Emília e António Araújo, também a Daniela, filha da Lizete; na França os irmãos Amadeu, Glória e Júlio. Aqui ao lado em Copacabana a irmã Maria Amélia; em Niterói, o irmão António de Jesus, e em São Paulo o irmão Henrique.

A Alzira sabe que tem outros sobrinhos e sobrinhos netos, pede perdão por não dizer-lhe os nomes mas a culpa não é dela. Deseja mil felicidades a todos os Melgacenses.

* * *

A Argentina Aline, dos Violas, da Vila, continua airosa, bonita e faladeira. Conversar com ela, é passar bons momentos. Manda beijos para esse rol de primos e abraços para todos os Melgacenses. Depois da viagem que fez em 93 ficou mais apaixonada pela nossa terra e avisa que está programando nova visita agora, no próximo verão. Toca a embaldeirar a rua, Zildo, e o Armando que vá amaciando a voz para a brindar com uma serenata. Deseja Feliz Natal a todo mundo.

* * *

A Ana Gomes, do Edmundo do Pintor do Barral, ela e o marido, José Miguel, estão revivendo a fase do namoro, fazendo um novo ninho. Adquiriram um terreno em Araruama, outro bonito local no litoral do Estado do Rio, e estão constituindo uma bela mansão para fins de semana. O local é tão aprazível e parecido com a nossa terra que até tem orvalho, diz ela. Já está colhendo abóboras, bananas, aipim, batata doce e várias hortaliças. Os caseiros cuidam de tudo, eles só usufruem. Tem fins de semana que junta lá a patota em lauto churrasco; a mãe, Virginia, a irmandade com a sobrinhada. É uma alegria. Aproveita para mandar votos de Feliz Natal para o tio Bento, a tia Amadeia, na terra, e o sobrinho Justino, em Lisboa. Também para as tias Mimi, Luiza, Palmira e Hilda, todas na Corredoura. Para os tios Manuel e Hilário. Beijos para a Dra. Anabela e a Betinha. A família Gomes melgacense, brasileira e melgasil desta paróquia, está com saúde e envia abraços para todos.

A turma dos Melo (Cucos) e Costa (Silvano de Cavaleiros) Duarte Rui, José, Maria, Margarida, Aurora, Duartina e Inês, e respectivos consortes e os descendentes, mundarel de Melgasis (filhos e netos), comunicam que estão bem e o mesmo desejam à parentada na terra e por esse mundo de Deus. Que o Natal lhes seja muito Feliz.

* * *

E por falar nesta turma dos Melo, deixem contar a última e sensacional façanha. Os Melgasis, Guilherme e Victor, «salvaram a pátria» e levaram bem alto o nome da estirpe. São os filhos da Célia, netos da Aurora, bisnetos da Umberto e Augusta e trinets da Cacilda Cúco e do Silvano de Cavaleiros.

Foi assim: as escolas da orla marítima de Itaipú organizaram um torneio de futebol que denominaram, COPA JIRO DE FUTEBOL DE SALÃO DAS ESCOLAS DA REGIÃO OCEÂNICA. Categoria mirim (de 8 a 10 anos). O colégio, Jardim Escola Tia Tereza, tinha no Victor o seu meio-campo. O Guilherme, apesar de também ser aluno, não fora escalado para qualquer posição. Era

merosa assistência, as famílias dos atletas.

Tinha de haver um vencedor e partiram para os chutes a gol da marca de penalti. A ansiedade e nervosismo tomaram conta de todos. Chute de um e, gol; chute de outro e, gol. A contenda estava difícil de decidir. No último chute o grande desfecho: o incrível Guilherme defendeu dando o título ao seu colégio.

O pessoal foi à loucura! Houve beijos, abraços, lágrimas (Lágrimas, sim, senhores; o sentimento e a honra da família também estavam em jogo) e o nome do grande goleiro improvisado à última hora, festejadíssimo. Troféus para a Escola e medalhas para

os atletas. A Tia Tereza até hoje não cabe dentro da roupa de tanto orgulho de seus alunos.

Esta ilustre senhora, fundadora e directora do colégio, é uma abnegada do ensino a quem dedica sua vida e por isso merece todos os louvores. Salve a professora Tia Tereza! E salve os grandes, Victor e Guilherme, louvores também o técnico Reinaldo.

INFOR-



O time da Escola Tia Tereza exibido pela conquista do torneio «COPA JIRO». Os assinalados com ponto branco são o Guilherme e o Victor.

apenas torcedor como todas as outras famílias. No último jogo, o da decisão, o goleiro do «Tia Tereza» não compareceu. Escala um, escala outro, ninguém aceitava a responsabilidade; só o Guilherme se propôs àquele sacrifício.

Jogo renhido, disputadíssimo, a meninada de parte a parte querendo merecer o troféu e os encômios das famílias e o que isso pudesse representar de benefício agora nas férias.

O time do «Tia Tereza» perdia por 2 a 1 e o jogo prestes a terminar. Seria uma tragédia para os melgasis.

Vai daí, o Guilherme enfesou-se, tomou-se de brios e ao repor a bola em jogo após mais uma sensacional defesa, fê-lo com tal gana, com tanta raiva e força que a bola atravessou todo o campo directa à baliza do adversário. Pegou o outro goleiro adiantado e fez aquele GOOOL, golaço... aço... aço, empatando o jogo. Nem Pelé nos seus áureos tempos fez proeza igual. Dois a dois terminou o jogo com o nome do Guilherme cantado em coro pela nu-

MAÇÃO AO SPORT CLUB MELGACENSE: a partir de Janeiro os agueridos melgasis estão liberados para assinar contrato com vocês. Por consaguinidade até poderão jogar na Selecção de Portugal...

* * *

Na minha «tourné» telefónica com os melgacenses, outras mensagens de Feliz Natal estão registadas para passar aos amigos e familiares, o que farei nos próximos números.

Por hoje vou ficar por aqui senão vão dizer que monopolizo o jornal.

Informe aos familiares: no dia 27 de Novembro fomos a Curitiba participar da primeira Comunhão da nossa neta Carolina. Foi muito bonito, com toda a família reunida. A Ana Cristina já riu da minha cara... Depois dou detalhes. Que o Criador vos encha de graças e neste Natal vos faça felizes e entender que só vale a pena SER BOM. Abraços.

Rio, 30-11-94
M. Igrejas

“Na Terra de Inês Negra” P.^o Júlio Vaz

Este livro está à venda na
“Gráfica Melgacense” de
Fabiano Costa



SOLIZENDE

SOLIZENDE
Soc. de Construções, Lda.

CONSTRUÇÃO E VENDA

Vila Praia de Âncora A 200 METROS DO MAR

Apartamentos com

Garagem
Antena Parabólica
Parque Infantil
Gás Canalizado
Aquecimento Central
Vistas para o mar

Escritório:
Rua 5 de Outubro, 306
Tel/Fax (058) 951655
4915 - VILA PRAIA
DE ÂNCORA